



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ISCED - HUÍLA

**O IMPACTO DO COMÉRCIO DO MUNDO ÁRABE EM ANGOLA:
CASO DA MATALA.**

Autor: António Chandikua Bié.

Lubango

2022



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ISCED - HUÍLA

**O IMPACTO DO COMÉRCIO DO MUNDO ÁRABE EM ANGOLA:
CASO DA MATALA.**

Autor: António Chandikua Bié.

Orientador: Mário Ilda Simão, MsC

Lubango

2022

Agradecimento

Após quatro anos de muito esforço e dedicação, chegamos ao fim do nosso trabalho no plano curricular, de acordo com o adágio que diz "Depois da tempestade, vem a bonança", agora pois o caminho é belo em virtude de termos trilhado o anterior.

Em primeiro lugar agradeço a DEUS, o todo-poderoso, criador dos céus e da Terra, pelo dom da vida, pela paciência e força que me tem proporcionado em toda minha vida neste mundo como forasteiro. Aos meus queridos pais, Tiago Bié e Maria pelo cuidado, educação e apoio que sempre recebo.

Seguidamente, a Emília Nené Jorge minha querida esposa obrigado pela força e carinho.

Aos meus colegas Adriano, Neves, Guilhermina, Estevão, Cicilia, Petra Benedita, Yuri, Jesé Adalberto, Ângelo, kaita. Aos amigos Celestino Máquina, Kumena, Silas, Tomas Manico, Dadito, Alvaro, Chili pela coragem e muita simpatia transmitida no longo caminho académico trilhado, à todos cujos nomes não integram a presente lista, mas sim, seguramente guardo-vos na minha viva memória, e a vos, envio o meu desmedido e eterno reconhecimento.

Dedicatória

Aos meus pais, Tiago Bié e Maria Cassinda, aos meus Toni (*in memoria*) Sandra, Natália, Ermelinda, Teresa, Paulino (*in memoria*) à minha esposa Emília Nené Jorge, a quem amo e partilho a vida, com você tenho me sentido mais vivo de verdade. Aos meus filhas Patrícia, Edimara, Edilene, Edivandra, Edimasia, vós sois a minha fonte de inspiração.

À toda população estudantil.

Resumo

O presente Trabalho de Fim de Curso, tem como tema: **O impacto do comércio do mundo árabe em Angola: Caso da Matala**. Visa enriquecer o programa de História da Idade Média do 2º Ano, curso de História, no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huila com os dados da nossa investigação.

O objectivo da presente investigação, constitui em reunir elementos científicos para a configuração teórica do tema em estudo, a fim de descrever o impacto do comércio do mundo árabe em Angola: Caso da Matala.

Para atingirmos os objectivos propostos, fizemos uma recolha de dados e uma seleção de conteúdos da bibliografia consultada. Para a recolha de dados, utilizamos um questionário para os estudantes sob o qual fizemos o devido tratamento.

No presente trabalho utilizamos os seguintes métodos: método Histórico, Pesquisa Bibliográfica, Inquérito por questionário e o método Estatístico.

De forma estrutural, o nosso trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, analisamos a origem do povo árabe, os países que integram o mundo Árabe, as causas da expansão árabe e sua chegada no actual território de Angola; no segundo, descrevemos a chegada de comerciantes do mundo Árabe no Município da Matala, sobre o impacto socio-económico, político e religioso do comércio dos árabes no Município da Matala e finalmente no terceiro capítulo, analisamos e interpretamos os resultados obtidos através do inquérito aplicado aos estudantes acima referenciados assim como as conclusões e sugestões.

ÍNDICE

Agradecimento	i
Dedicatória	ii
Resumo	iii
INTRODUÇÃO	6
1 - MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA.....	3
2 - REVISÃO DA LITERATURA.....	4
3 - IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	6
4 - DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	7
5 - FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES.....	7
6 - OBJECTIVO GERAL	7
7 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS.....	7
8 - IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	7
9 - METODOLOGIA	8
10 - ÍNDICE PROVISÓRIO	Erro! Indicador não definido.
11 - RECURSOS HUMANOS.....	Erro! Indicador não definido.
12 - RECURSOS MATERIAIS	Erro! Indicador não definido.
13 - CRONOGRAMA DAS ACTIVIDADES	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO I - GENERALIDADES SOBRE O MUNDO ÁRABE.....	2
1. 1. Origem do povo Árabe.....	12
1. 2. Expansão Geográfica dos Árabes.....	15
1 3. Mundo Árabe.....	20
1. 4. Chegada dos árabes em Angola.....	22
CAPÍTULO II - O IMPACTO DO COMÉRCIO DO MUNDO ÁRABE EM ANGOLA E EM PARTICULAR NA MATALA.....	12
2. 1 – O Comércio no Mundo Árabe.....	24
2. 2 - A influência do comércio Árabe em África.....	28
2. 3 – Chegada de comerciantes do mundo Árabe na Matala.....	32
2. 4 - O evoluir de comerciantes do mundo árabe na Matala	34
2. 5 - O Impacto sócio-económico do Comércio do Mundo árabe na Matala.....	36
2. 6 - O Impacto político do Comércio do Mundo árabe na Matala.....	42
2. 7 - O Impacto religioso do Comércio do Mundo árabe na Matala.....	44
Capítulo III - Apresentação, análise e discussão dos resultados do inquérito aplicado aos estudantes do III Ano do curso de História do ISCED - Huíla.....	24
3. 1. Preliminares da investigação.....	45
3. 2. Instrumentos.....	45

3. 3. 1. Caracterização da Amostra	46
3. 3. 2. Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	46
Conclusões	52
Sugestões	53
BIBLIOGRAFIA	55

INTRODUÇÃO

Falar do mundo Árabe, não é tarefa fácil, pois, trata-se de uma série de países que se enquadram sob essa designação, apresentando todos eles, características muito diferentes, mas, é a língua árabe que melhor lhes identifica, por ser oficial nesses países que formam esse império.

Sob o reino dos quatro primeiros *califas* (*al-khulafā' al-rashīdūn*, “os califas inspirados”), *Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali*, os Árabes muçulmanos iniciaram a sua expansão para o exterior da península arábica (El-Fasi, 2010).

Bissio (2012), enfatiza de forma clara as palavras de *Ibn Khaldun* que este corrobora a legitimidade da língua, seja ela falada ou escrita como forma de sobreposição cultural. O árabe é, segundo *Khaldun*, a língua do profeta de *Allá*, instrumento pelo qual as leis foram ditadas e motivo pelo qual os idiomas locais devem ser deixados de lado. Os povos dominados deviam aprender a língua árabe como sinal de submissão a *Allá* e à sua nova Religião mais acabada.

Segundo Dad (2019), este procedimento de dominação Islâmica, fez nascer um novo e vasto império Árabe, compreendendo a Arábia Saudita, Argélia, Barein, Catar, Comores, Djibuti, Egipto, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina, Somália, Sudão, Síria e Tunísia.

Segundo Sheik (2005), a cidade de Meca, apesar de não ter boas condições para certas actividades como a agricultura, sempre foi um local ideal para o comércio. Por isso, o tio do profeta Maomé, *Abu Talib*, célebre comerciante, um dia levou o menino com apenas 12 anos de idade para a Síria numa viagem comercial. De lá em diante, o jovem que seria o fundador de uma nova religião se tornou um bom comerciante e por isso, conheceu a sua futura mulher *Kadija*, nesta prática, sendo ela, outra comerciante de renome da época na cidade de Meca.

Desde os primórdios da presença Árabe no território angolano até à actualidade, estes vêm realizando a actividade comercial nos diferentes domínios, contribuindo bastante na economia e no desenvolvimento de transações comerciais. Muitos grupos comerciais existentes em Angola, principalmente da linha alimentar são de Árabes e a saída deles no nosso país, pode promover um

caos na distribuição de alimentos e produtos de limpeza, devido ao monopólio deles nesse sector (Faleiro, 2014).

O Município da Matala, é satélite e placa giratório do comércio na Província da Huíla, facto comprovado pelas terras férteis, propícias à prática da agricultura, clima favorável ao desenvolvimento de certas culturas agrícolas, pastos que possibilitam à criação do gado Bovino e Caprino, a via ferroviária que remota a era colonial que parte da cidade ferro-portuária de Moçamedes e se prolonga até à Província do Cuando Cubango, as vias rodoviárias em boas condições que ligam aos demais Municípios da região fluentemente e a existência de uma barragem hidro-eléctrica que fornece energia eléctrica ao nível local, nos Municípios de Quipungo, Lubango, Humpata, Bibala e Moçamedes, embora de forma parcial. Estas e outras valências, favoreceram o crescimento da população e suscitaram aos vários investidores nacionais e estrangeiros, principalmente do mundo Árabe, a investirem no Município da Matala, facto que vem dando outra dinâmica no comércio regional e impactando a vida do cidadão matalense no que tem que ver à disponibilidade de produtos alimentares, de construção e outros serviços básicos do dia-a-dia.

Assim, neste trabalho poderemos apresentar o Impacto do comércio do mundo Árabe em Angola: caso do Município da Matala.

1 - MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA.

O nosso interesse pelo tema, é devido ao número crescente de comerciantes e grupos comerciais oriundos do mundo Árabe no território angolano em que, suas actividades têm trago um aumento na rede de lojas e armazéns de bens de consumo, distribuição à preços favoráveis da cesta básica alimentar.

Também, vem se verificando em Angola, em particular no Município da Matala, ao encerramento de vários estabelecimentos comerciais de nacionais, que muitas vezes recorrerem ao crédito bancário e no final, não conseguem concorrer com comerciantes Ábares devido à exímia experiência milenar destes na área do comércio, dificultando aos angolanos a amortização do crédito, capacidade de sustentar a família, aumentando assim o desemprego e o desinteresse de empreender na área comercial.

Outro sim, alguns imigrantes Árabes em Angola, para além da prática comercial que vêm exercendo, têm também o interesse de expandir a fé Islâmica, facto comprovado pela existência de vários locais de cultos no território angolano. E o islamismo, tem sido visto pelos países Ocidentais da Europa e não só, como uma Religião de guerra que isentiva o terrorismo por intermédio da *jihad*. Ainda, alguns desses comerciantes Árabes em Angola, são alvos da polícia Norte Americana por alegado envolvimento em financiarem o terrorismo, beliscando as relações diplomáticas daquela potência norte-americana com o governo angolano.

Assim sendo, os prós e contras da presença de comerciantes árabes no território angolanos em particular no Município da Matala, motivou-nos à investigação e divulgação desta temática e propor o presente estudo. Por outro lado, visa também a elaboração de uma monografia a ser apresentada como condição para a obtenção do grau de licenciado em ensino da História.

2 - REVISÃO DA LITERATURA

O presente tema, não é pioneiro, será desenvolvido tendo por base estudos realizados por diversos autores, graças aos quais, nos foi possível analisar e ter referências das características dos comerciantes do Mundo Árabe e da relação existente entre o comércio e a fé Islâmica.

Assim, procuramos consultar vários autores dos quais:

Segundo a ANGOP (2020), desde o ano de 2004 que existe a Embaixada dos Emirados Árabes Unidos em Angola, vem se verificando um conjunto de acordos bilaterais entre o governo angolano com países Árabes em diversos domínios, principalmente no comércio, agricultura, indústria e mineração. Recentemente o governo angolano ratificou um acordo de cooperação comercial com os Emirados Árabes Unidos (EAU). Os dois Estados mantêm uma activa cooperação económica, que resultou, só em Junho de 2020, em 1,9 mil milhões de dólares (1,611 milhões de euros), em volume de exportações e importações. O impacto da actividade comercial dos Árabes em Angola, criou um bom ambiente de negócio, na distribuição de produtos da linha alimentar gerando emprego aos jovens e não só.

Isbelle (2008), afirma que os comerciantes Árabes-muçulmanos, são

influenciados pela religião Islâmica, pois, o Islã dita regras de conduta aos seus fiéis por ser contra ao monopólio e a manipulação de preços. Além disso, o Alcorão, por sua vez, é mencionado como um guia completo sobre conduta comercial, comportamento nas negociações, justiça, sistema econômico. Com mais de 1400 dos 6226 versos referindo-se a assuntos econômicos, o Alcorão preocupa-se muito mais com a vida econômica do que a Bíblia. Para muitos aspectos da vida diária, o Alcorão dispõe de orientações muito específicas e práticas. Promulgadas na Sharia, essas regras são aplicadas em todos os países onde a Sharia é a autoridade legal final.

Faleiro (2014), apresenta-nos dados não muito rigorosos sobre a evolução do Islamismo em Angola ocupando 4% da população total no ano 2000. Ainda avança que, desde o advento da paz efectiva em Angola, o islamismo vem crescendo por meio de casamentos, outros por trabalharem em seus estabelecimentos comerciais e ainda outros por notarem ser uma religião verdadeira neste mundo. Hoje existem em Angola 9 (nove) comunidades muçulmanas: Comunidade Islâmica de Angola (CISLANG), Comunidade dos angolanos crentes muçulmanos (CACM), Aliança muçulmana de Angola (ALMUA), Centro islâmico e documentação (CID), Liga islâmica em Angola (LIA), *África Muslim Agency* (AMA), *Munazamat Al Dawah*, Associação de beneficentes de Angola (ABA) e a Associação de mulheres muçulmanas em Angola (AMMA). Em 2005, a CISLANG e a CACM unificaram-se formando a Comunidade Islâmica de Angola (COIA) liderado por David Já, que é também porta voz e várias vezes afirmou que o governo angolano persegue a comunidade islâmica em Angola, por não aceitar a legalização da Religião Islâmica.

Uma informação avançada pela VOA (2009), Angola vem sendo vista pelos países Ocidentais, principalmente dos Estados Unidos da América, como sendo um refúgio de financiadores do terrorismo onde as suas empresas prosperam. O alegado grande financiador do Hezbollah e fugitivo, *Adnan El Rahi*, também estará ainda escondido em Angola, segundo a Justiça americana. O empresário libanês *Kassim Tajideen*, que durante vários anos operou em Angola, foi condenado na sexta-feira, 9 de Agosto de 2019, a cinco anos de prisão por um tribunal federal americano em Washington. *Tajideen* foi preso em Marrocos a 12

de Março do mesmo ano e extraditado para os Estados Unidos da América, depois de ter sido obrigado a abandonar Angola na sequência de um alerta enviado às autoridades de Luanda pelos Estados Unidos, no qual acusavam o empresário de estar a colaborar com o grupo libanês *Hezbollah*, considerado uma organização terrorista por *Washington*. O empresário foi acusado de conspirar com pelo menos cinco outras pessoas para levar a cabo transacções comerciais avaliadas em mais de 50 milhões de dólares, em violação a sanções americanas contra o *Hezbollah*. A expulsão de *Kassim Tajideen* de Angola teve ramificações no país, onde o Serviço de Investigação Criminal (SIC) ouviu no final do mês passado o antigo sócio de *Tajideen*, Francisco Mateus Dias dos Santos (Kito dos Santos), constituído arguido no processo que lhe foi movido pelo presidente do Tribunal Supremo, Rui Constantino Ferreira. A *Arosfran* era uma companhia de importação de bens alimentares que foi extinta na sequência do mandado de captura emitido nos Estados Unidos contra *Kassim Tajideen*. O grupo *Afrostan* foi dissolvido após a expulsão de *Kassim Tajideen* de Angola.

3 - IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

Ao abordar o Impacto do Comércio do mundo Árabe em Angola: caso da Matala, os comerciantes nacionais sentem-se sufocados por estes, por sua vez, o governo angolano valoriza a presença destes e isentiva ainda mais seus investimentos e os consumidores agradecem. Parte do povo angolano receia a proliferação de centros de culto de muçulmanos por terem ligações fortes ao terrorismo.

Assim sendo, o problema científico do nosso trabalho baseia-se no seguinte questionamento: **Qual é o impacto do comércio do mundo árabe em Angola: Caso da Matala?**

Nesta perspectiva, pensamos que o tema proposto pode dar um modesto contributo na compreensão de alguns factores passados despercebidos que estão na base do isentivo do governo angolano ao investimento estrangeiro, da falência de alguns comerciantes angolanos, a presença em vários cantos de Angola e da Matala em particular de produtos comercializados por Árabes e o receio do crescente número de muçulmanos em Angola.

4 - DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo abarca o período que vai desde a chegada em Angola de comerciantes provenientes de países Árabes desde o período colonial até a actualidade.

5 - FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

Tratando de um trabalho basicamente descritivo, não formularemos quaisquer hipóteses.

6 - OBJECTIVO GERAL

Descrever o impacto do comércio do mundo árabe em Angola nas suas múltiplas facetas.

7 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Em função do objectivo geral, com o presente trabalho traçamos os seguintes objectivos específicos:

1. Descrever as bases doutrinárias do Islão (grupos moderados e radicais);
2. Analisar as razões da chegada dos comerciantes árabes em Angola;
3. Explicar o contributo da sua prática comercial para os angolanos;
4. Enumerar as consequências dessa prática comercial para os pequenos empreendedores nacionais;
5. Elaborar um quadro de referência sobre o nível de conhecimento dos estudantes do curso de História do IIº Ano do ISCED – Huíla, respeitante ao ano académico de 2020/ 2021, no tocante ao problema actual e actuante: O impacto do comércio do mundo árabe em Angola: Caso da Matala.
6. Sugerir ao ISCED-Huíla, a inclusão desta temática na cadeira de História da Idade Média.

8 - IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

O presente trabalho tem importância teórica:

Importância Teórica: Elaborar um texto de apoio que descreva o **impacto do comércio do mundo árabe em Angola: Caso da Matala.**

9 - METODOLOGIA

Serão seleccionados métodos de abordagem e de procedimentos, assim discriminados:

Método Histórico: Consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois, as instituições alcançaram sua forma actual através de alterações de suas partes componentes ao longo do tempo (Lakatos e Marconi, 2003).

A aplicação deste método, nos permitirá a compreender o conflito desencadeado entre Sunitas e Xiitas desde a sua origem, isto do ponto de vista religioso, político e sócio - económico.

Pesquisa Bibliográfica: Quando elaborada a partir de material já publicado, constitui principalmente livros, artigos de periódicos e actualmente com material disponível na Internet (GIL, 1991, p.50). Este método, levanta o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender e explicar o problema que constitui o objecto de investigação (Malheiros, 2000).

A aplicação deste método é fundamental pois que, tal como afirma Malheiro (2000) “não se pode proceder o estudo de algo, sem identificar o que já foi produzido sobre o assunto para não repetir estudos já desenvolvido”, pelo que, estamos plenamente de acordo com o autor. Sendo assim, este método de pesquisa será indispensável para a prossecução do estudo em causa.

Inquérito por questionário: Este método, será aplicado para recolher dados sistemáticos por intermédio de perguntas organizadas num questionário a um grupo de pessoas. As perguntas serão definidas com os objectivos para os quais foi decidido realizar o inquérito. Os dados recolhidos transformar-se-ão em informação e quando sistematizados e analisados, produzem conhecimento, o qual por sua vez permite tomar decisões relevantes (Brito, 2012).

O recurso ao método de inquérito por questionário, nos permitirá colher dados mediante um questionário com perguntas fechadas, a serem aplicadas aos estudantes do curso de História do II Ano do ISCED - Huíla, cujo objectivo é o de avaliar o grau de conhecimento destes sobre o tema que se pretende abordar.

Método Estatístico: consiste na análise estatística dos dados obtidos durante a investigação, de modo como os dados serão organizados, tabulados e analisados (Clayton, 2005). Com este modelo de análise, poderemos de forma mais eficaz, tabular e analisar os dados dos questionários aplicados aos estudantes.

CAPÍTULO I - GENERALIDADES SOBRE O MUNDO ÁRABE.

1. 1. Origem do povo Árabe.

Ao falar sobre o povo Árabe, Hugo (2011), afirma que a única fonte que esclarece a etnia Árabe é o Antigo Testa da Bíblia Sagrada, onde Abraão gerou um filho com sua escrava egípcia *Hagar*, chamado Ismael, por outro lado, com sua esposa legítima Sara, um outro filho chamado Isaac, o qual foi pai de Jacob. Abraão, a pedido de Sara, expulsou *Hagar* e Ismael, sendo este a origem dos Árabes, distribuídos ao Sul da então Terra de Canaã, daí o nome de cananeus, que mais tarde seria chamada Palestina e que principalmente habitou a Península hoje chamada Arábica.

Esta península Arábica, segundo Lannes (2013), se localiza na parte sudeste do Mar Mediterrâneo, a leste do continente africano e a oeste do continente asiático. Na margem oriental é banhada pelos golfos Pérsico e de Omã. Ao sul localiza-se o Mar da Arábia e o Golfo de Áden, no Oceano Índico. Ela se caracteriza por ser o local de origem dos diversos povos que formavam a etnia Árabe. Não existe uma data precisa que determine o surgimento dessa etnia, mas uma primeira referência remonta ao primeiro milênio antes de Cristo.

Segundo Osvaldo (2016), havia nas regiões litorâneas da Península Arábica, centros urbanos e uma economia agrícola mais complexa. Regularmente, os árabes se deslocavam para Meca a fim de prestar homenagens e sacrifícios às várias divindades aí representadas por diversos objetos, entre os locais religiosos cabe mencionar o vale da Mina, o monte *Arafat*, o poço sagrado de *Zen-Zen* e a *Kaaba*, principal templo sagrado onde era abrigada a Pedra Negra, um fragmento de meteorito de forma cúbica protegido por uma enorme tenda de seda preta. A atração religiosa também possibilitava a realização de negócios, que acabaram formando uma rica classe de comerciantes. O papel central na unificação dos povos árabes coube a Maomé, pregador que veio a ser considerado um novo profeta.

Os povos árabes segundo Nizete (*et al.*, 2018), habitavam a região desértica da Península Arábica e eram povos nômades conhecidos por beduínos. Sendo esta uma região inóspita, era muito difícil a formação de povos sedentarizados. Os beduínos sobreviviam do comércio desenvolvido com os habitantes das regiões próximas e da criação de camelos de onde tiravam carne, leite e suas

indumentárias e praticavam a religião politeísta. Nesse período, ainda não havia na Arábia a unidade religiosa nem política, os beduínos adoravam vários deuses, e é dessa tribo que em 570 nasceu Maomé.

Por sua vez Sheik (1987), apresenta ideias de alguns historiadores árabes, que dividem os árabes em três grupos: a). Árabe *Baida*; b). Árabe *Arida* e; c). Árabe *Mustáriba*. Os Árabes *Baida*, são todos os descendentes de *Sam*, filho de Noé e existe muito pouco conhecimento dessa linhagem de Árabes. Os Árabes *Arida*, são considerados árabes puros que formam a tribo dos *Qahtan*, das mais fortes desde o nascimento do profeta Maomé e na actualidade maior parte da população da Arábia é descendente de *Qahtan*. Os Árabes *Mustáriba*, são da descendência de Ismael filho de Abraão com sua esposa pertencente a tribo dos *Banu Jurhan*. Na verdade Ismael não é Árabe, aprendeu a falar a língua árabe no convívio com a família da mulher, mas os seus descendentes com a mulher desta tribo, deram origem aos Árabes *Mustáriba* que também são numerosos na actual Arábia. O Profeta do Islão, é descendente de Ismael filho de Abraão.

Por outro lado, Hugo (2011), enfatiza que os descendentes de Ismael se estabeleceram na Península Arábica a partir do século XVII a.C., ajustando-se às difíceis condições de vida da região e havia entre os habitantes crenças primitivas, semelhantes às de outros povos semíticos, com base no animismo, adorando astros e objetos de todos os tipos.

Osvaldo (2016), caracteriza os árabes como um povo antigo mencionados como uma sociedade diferenciada em uma inscrição assíria de 853 a.C., onde o rei *Gindibu* de *matu arbaai* é mencionado como um dos soberanos de alguns nómades. Os árabes já eram reconhecidos quinze séculos antes de sua unificação e seu território era constituído por regiões desérticas e outras de clima subtropical mediterrâneo no litoral, parte do território recoberto por um enorme deserto, pontilhados por alguns oásis e por uma cadeia montanhosa, a oeste. Somente uma estreita faixa no litoral sul da península possuía terras aproveitáveis para a agricultura. As dificuldades de plantio e a criação de animais determinaram o nomadismo de parte de seus habitantes, que vagavam pelo deserto em caravanas, em busca de água e de melhores condições de vida, eles foram chamados de beduínos. Os povos árabes eram politeístas e dedicados

basicamente à criação de animais. Até ao século VI, os árabes viviam organizados em tribos ou clãs, sem que houvesse um Estado centralizado. No interior da Península Árabe as tribos nômades de beduínos viviam basicamente do pastoreio e do comércio. Às vezes entravam em luta pela posse de um oásis ou pela liderança de uma rota comercial. Também eram comuns seus ataques a caravanas que levavam artigos do Oriente para serem comercializados no mar Mediterrâneo ou no mar Vermelho.

Ao se referir sobre a palavra Árabe, Patrícia (2014), esclarece que etimologicamente, significa “nômade que vive sob a sua tenda no deserto”, embora essa definição não seja aceita por alguns estudiosos, por essa razão, o termo, durante séculos, se referiu mais a um “gênero de vida e organização social do que a uma língua e, menos ainda, a uma raça”. Entretanto, os povos aos quais chamamos de árabes representam um conjunto heterogêneo do ponto de vista étnico. A própria língua árabe, que se difundiu, arabizou populações e gerou mais arabizados do que árabes propriamente ditos, povos que passaram a se identificar pela língua, pela religião e pelos hábitos sociais. Assim como os povos, a língua sofreu transformações e apresenta hoje variações acentuadas segundo o país e o grau maior ou menor de assimilação com populações e culturas pré-existentes.

Dispersos num grande território, porém, os árabes edificaram grandes cidades comerciais, as mais importantes localizavam-se a oeste, na parte montanhosa da Península Arábica: *Iatrib*, *Taife* e *Meca*, todas na confluência das rotas das caravanas que atingiam o mar Vermelho. A cidade de *Meca* era, sem dúvida, a mais destacada como centro religioso de todos os árabes reunia periodicamente milhares de crentes, o que tornava seu comércio ainda mais intenso. Por outro lado, a palavra “Árabe” significava “compreensível”, aquele que falava a língua dos habitantes dessa terra. Os beduínos da Península Arábica utilizavam o termo com esse significado, aqueles cuja língua eles compreendiam eram árabes, aqueles cuja língua era desconhecida para eles eram chamados de *ajam*. Na região do Golfo Pérsico, *ajam* é frequentemente empregado para se referir aos persas. Outra explicação da palavra árabe, vem de uma expressão significando “viajando pelas terras”, isto é, nômade: donde os termos árabe e hebreu, ambos significando nômades em seus troncos linguísticos respectivos (Osvaldo, 2016).

1. 2. Expansão Geográfica dos Árabes.

Falar do mundo árabe, deve-se necessariamente apontar o Islão como seu criador, nesta senda, Lannes (2013), argumenta que, durante seis séculos os árabes-islâmicos consolidaram um Império que se estendeu do continente asiático ao europeu, passando pelo Oriente Médio e norte da África. Essa unidade imperial foi sendo construída a partir da criação de uma nova identidade árabe-islâmica e da aquisição de possessões territoriais conquistadas por meio de um expansionismo contínuo.

A passagem do politeísmo animista entre os árabes para a unificação político-religiosa monoteísta foi, portanto, segundo Osvaldo (2016), gradual, começada com pregações de Maomé, que foi perseguido pelos comerciantes *coreixitas*, habitantes da zona costeira, mas Maomé fugiu de *Meca* para *Iatrib* em 622, um movimento conhecido como a hégira (retirada). Apoiado militarmente pelos comerciantes dessa cidade, Maomé impôs suas ideias pela guerra em toda a península. Os comerciantes de *Meca*, finalmente derrotados, decidiram reconhecer a autoridade religiosa de Maomé, que se comprometera a preservar as divindades milenares da cidade. Na peregrinação anual dos povos árabes à *Kaaba*, em 631, os peregrinos não encontraram suas velhas divindades, encontraram-na, ao contrário, transformada no que seria uma mesquita e essa peregrinação foi uma transição entre o politeísmo praticado até então e o monoteísmo que o substituiria. Na peregrinação do ano seguinte, Maomé fez um discurso forte, declarou ter cumprido sua missão e exortou todos os árabes para permanecerem unidos no novo credo. Com o surgimento do Islã, os antigos vínculos sociais baseados no parentesco e nas alianças familiares foram substituídos por laços mais amplos baseados numa fé comum, no elemento unificante da *Umma* (comunidade dos crentes), estabelecendo ao mesmo tempo uma relação especial entre religião e política, ou seja, entre religião e Estado.

Ao abordarmos sobre a expansão dos Árabe, antes queremos rebuscar o período das vitórias dos muçulmanos contra o Império Romano do Oriente, como relata Ingrid (2015), que, o período conhecido como Idade Média compreende desde a deposição do último soberano do Império Romano do Ocidente no século V, chamado Rômulo Augusto até a conquista de Constantinopla pelos

turcos no século XV, facto que põe fim ao Império Bizantino. O Oriente Médio desde a Idade Antiga foi palco de grandes civilizações e de grandes conflitos. Durante o fim da Idade Antiga, Romanos e Persas tinham grandes influências na região, sobre a costa e sobre a parte oeste. A queda do Império Romano do Ocidente, não significou o fim das províncias do Oriente, estas, por serem mais evoluídas, sobreviveram e assim, formou-se, nesta região a civilização bizantina, que tinha como religião o cristianismo, língua e cultura gregas e administração romana. Após a queda do Império Romano do Ocidente, o Império Bizantino, no século V, voltou-se à Europa buscando recuperar as terras do antigo império e chegam ao seu auge neste período. Com o governo do imperador Justiniano (reinando entre 527 a 565), o Império Bizantino alcançou seu apogeu, tendo como parte de seu domínio a Grécia, Ásia Menor, Itália, sul da Espanha e partes do Oriente Próximo, África do Norte e Balcãs. Durante séculos, o império sofreu diversos ataques, porém, o seu fim foi dado através dos turcos otomanos, que haviam adoptado o islamismo como Religião e estavam iniciando a construção de um novo império. Por fim, em 1453, os turcos otomanos ultrapassaram as muralhas de Constantinopla e a tomaram, nesse momento, após dez séculos, o Império Bizantino chega ao seu fim.

O islamismo não operou num vazio ideológico ou religioso, na visão de Osvaldo (2016), ele se implantou sobre uma cultura já existente, preservando-a, criticando-a e reformulando-a, de modo paralelo e simultâneo. As caravanas nos desertos eram importantes para entender o carácter do povo árabe, elas precederam milenarmente o islamismo. Ao passo delas, semeava-se cultura em desenvolvimento, os árabes não só precisavam de um mercado, mas também de um conhecimento diversificado para poder comerciar, os povos árabes eram multiculturais, isso garantia sua sobrevivência comercial que desenvolveu sua coexistência. Os povos árabes eram uma atomização em movimento permanente, em caravanas que iam da China até o sul da África e o islamismo herdou e reformulou religiosamente esse carácter flexível e mutante da histórica cultura árabe.

Existem muitos factores que contribuíram para a incrível expansão árabe do século VII que segundo Ricardo (2009), partiu da Península Arábica em direcção ao *Magreb*. A baixa produtividade do solo da Península e o desejo de ter uma

terra cultivável, somado a uma população em crescimento, o enfraquecimento dos reinos de Bizâncio e da Pérsia, que se encontravam devastados pelas guerras e tinham suas províncias em franco processo de declínio, o imperador bizantino Heráclio (610-641) assistiu à perda das províncias que havia recentemente conquistado, os exércitos muçulmanos até usaram camelos nas batalhas em campo aberto. Tudo isso pode ter contribuído para as sucessivas, rápidas e espantosas vitórias da espada do Islã, mas definitivamente o motivo maior e mais poderoso segundo Ricardo, foi a unidade política e principalmente espiritual promovida e realizada por Maomé. Logo após a morte do Profeta, em 634 a Península arábica foi definitivamente unificada e os primeiros exércitos islâmicos foram enviados para o exterior. Seus sucessores, os primeiros *califas* (corretamente orientados), foram os líderes militares que organizaram as bases pelas quais o império cresceu.

A expansão do islamismo no mundo segundo El-Fasi (2010), conheceu melhores avanços sob o reino dos quatro primeiros *califas* (*al-khulafā' al-rashīdūn*, “os califas inspirados”), *Abu Bakr*, *Umar*, *Uthman* e *Ali*, com eles, os Árabes muçulmanos iniciaram a sua expansão para o exterior da península arábica.

Oswaldo (2016), é de opinião semelhante de que, a expansão árabe iniciou-se logo depois da unificação do país, propiciada pelo islamismo. Depois da morte de Maomé, em 632, o *califa Abu Bakr*, pai de Aixa, última esposa de Maomé, submeteu finalmente as tribos árabes separadas e invadiu a Síria e a Pérsia, iniciando a expansão islâmica. Em 635 os árabes iniciaram suas vitoriosas campanhas militares na Ásia bizantina e sassânida (persa), que abrigavam civilizações esgotadas depois de longas lutas entre si e de lutas internas. Em 636, *Yarmuk* testemunhou a derrota dos bizantinos e no ano seguinte, *Qadesiya* foi o teatro da vitória árabe sobre os persas. Em 642, os exércitos islâmicos derrotaram definitivamente o monarca persa *Yazdegerd III* em *Nehawed*. Nascia assim o “império árabe”, depois conhecido como “islâmico”. A morte de *Abu Bakr*, em 634, resultou na sucessão de *Umar ibn al-Khattab* como *califa* e no seu governo, o território sob o domínio muçulmano se expandiu profundamente em regiões persas e em territórios bizantinos. Quando *Umar* foi assassinado pelos persas em 644, a eleição de *Uthman* como sucessor foi recebida com crescente

oposição. Em 656, *Uthman* também foi morto e *Ali* assumiu o cargo de *califa*. Durante a primeira guerra civil (*Fitna*), *Ali* foi assassinado em 661 e um tratado de paz foi assinado, *Muawiya I* chegou ao poder e começou a dinastia Omíada. Estas disputas pela liderança política e religiosa deram origem ao cisma na comunidade muçulmana, que também marcou toda sua história. A maioria que aceitava a legitimidade dos três governantes antes de *Ali* ficou conhecida como os sunitas. A minoria discordante, que acreditava que somente *Ali* e alguns de seus descendentes deviam governar, ficou conhecida como os xiitas.

Ricardo (2009), afirma que as tropas árabes que realizaram essa expansão tanto para o leste quanto para o oeste eram disciplinadas e coesas, definitivamente não eram bárbaras. Conta a tradição que *Abu Bakr*, o primeiro califa, sogro de Maomé, teria dito às suas tropas que deviam ser justos, valentes, morrer antes de render-se, piedosos, não matar nem velhos, nem mulheres, nem crianças, não destruir árvores frutíferas, cereais ou gado, mesmo aos inimigos não deviam molestar, mas compelir o resto do mundo a se tornar muçulmano ou nos pagar tributo. Se eles recusarem estes termos, podiam ser mortos.

A expansão árabe no Continente africano, teve início segundo Camila (2015) em 642, foi a partir desse período que um exército de árabes e berberes levaram sua expansão territorial, político e religiosa para a África, conquistando o Egito e a Núbia e seguem em direção ao Magreb. Já no final do século VII, os muçulmanos concretizaram definitivamente sua expansão no norte da África. Neste período, não houve nem conquista nem islamização pela força, porque, expandir o Islão era, uma obrigação para os seguidores da religião, mas os povos conquistados não eram forçados a seguir a religião ou mudar seus modos de vida e concepções religiosas tradicionais, sendo assim essa difusão dava-se através do processo de aculturação.

Ki-Zerbo (1979), cita os séculos XII e final do XVI, que a África Negra vai conhecer um desenvolvimento simultâneo de todas as suas regiões, do ponto de vista econômico, político e cultural, sob influência árabe. O Gana foi o primeiro “império negro” conhecido com maior exatidão, onde a conversão do soberano e da sua corte ao Islão, talvez, tenha sido o maior sucesso da intervenção muçulmana na região.

Aqui apresentamos uma digressão feita pelos exércitos muçulmanos no continente africano, onde Costa (2009), descreve que, eles, liderados por *Ibn Sad*, emir do Egito, um poderoso e organizado exército marchou através do deserto até a cidade de *Barka* (actual Líbia), tomando-a de assalto em 643-644. Dali avançou praticamente sem nenhuma resistência até as proximidades de Cartago, já na Tripolitânia. Ao sul de Túnis, o comandante *Okba ibn Nafi* construiu um acampamento na areia, em 670, fundando assim uma das maiores cidades do Islão bem no coração da África romana, *Kairuan* (o lugar do descanso). *Okba* fez incursões e massacres contra as tribos berberes, que se refugiaram nas montanhas do *Atlas*. Os berberes eram tribos nativas que viviam espalhadas por toda a África do Norte. Segundo o cronista muçulmano *Ibn Khaldun*, os berberes eram quase totalmente nómadas. Assim, além do avanço para o oeste pelo norte da África, os muçulmanos se apoderaram gradativamente de posições marítimas chave no Mediterrâneo. A resistência berbere foi desfeita e a rainha-sacerdotisa *Kahina* teve a cabeça cortada e enviada como troféu ao *califa* no Egito.

O império árabe foi consolidado e definido pela conversão: quem se convertesse ao Islão, ganhava um estatuto social e direitos iguais aos dos outros muçulmanos. Durante um breve período e em algumas regiões, quem não se convertesse era sacrificado, depois, as populações não muçulmanas incluídas na terra do Islão (cristãs e judias, basicamente, mas não só elas) foram obrigadas só a pagar uma taxa, *dhimmit*. As cidades que se entregassem pacificamente deveriam pagar um dízimo de suas riquezas e de sua renda ao Islão e as cidades que resistissem, deveriam pagar o dobro, ou seja, um quinto (Oswaldo, 2016).

A expansão islâmica conseguiu conquistar rapidamente a península índica, sede de várias das mais antigas civilizações do planeta, dando lugar a uma fusão cultural extraordinária com culturas milenares, da qual resultou, entre outras, a matemática moderna. No seu período expansivo, o império islâmico conquistou também duradouramente o norte da África, o que fez surgir a “África Branca”, que designa o povoamento pelos povos semitas da Arábia da região do Egito até o *Magrebe*, a destruição definitiva de Cartago para a construção, no mesmo lugar, de Túnis, a criação de portos importantes para o ataque às ilhas do

Mediterrâneo dominadas pelos cristãos e às regiões costeiras da Europa além da conquista da Espanha e do fechamento do Mediterrâneo à navegação europeia, pois os árabes passaram a dominá-lo completamente (ibidem).

1 3. Mundo Árabe.

O início do islamismo e sua propagação no mundo, possibilitou aos novos membros da nova fé a aprendizagem da língua árabe, falada pelos militantes muçulmanos e exigida aos povos subjugados por ser a língua do profeta de *Allá* e ter sido por intermédio dela que o anjo do Senhor se comunicava com Maomé (Rodrigues, sd).

A nova e expansiva religião se apoiava no tecido econômico, social e religioso. As caravanas de comércio do Oriente Médio, que levavam o ouro e o marfim africanos, escravos, milho e gado para a Ásia e traziam os metais asiáticos, objectos de metal e produtos têxteis para o Egípto, tiveram início muito cedo e sua atividade está bem documentada na Bíblia e nas narrativas patriarcais. Surgia lentamente, junto com a nova religião, uma nova civilização. A língua árabe unificada foi o resultado de uma mistura entre a língua árabe original e o árabe setentrional, que assimilara palavras de outras línguas semíticas do Levante (Osvaldo, 2016).

Uma civilização se caracteriza pela criação de um novo marco histórico, afetando todas as ordens da vida social, familiar e individual. Na visão tradicional, ainda largamente vigente, os árabes não tiveram uma arte, uma ciência, uma filosofia própria, assimilaram tudo dos gregos, dos egípcios, dos bizantinos, embora soubessem juntar e reelaborar na sua própria língua. Reelaborar, no entanto, significa também criar, pois nunca se cria a partir do nada, a língua árabe concluiu sendo a do Islão, o credo religioso que permitiu unificar as energias dispersas de uma região que já possuía, no entanto, uma unidade cultural precedente, reunificada num patamar qualitativamente diferente a partir de um credo comum monoteísta (ibidem).

Lannes (2013), por sua vez, elucida que, os árabes são os únicos conquistadores de origem tribal que moldaram as tradições de povos detentores de instituições. A questão da conquista de outros povos pelos árabes não se resume à influência dos valores tribais árabes sobre os povos ditos “civilizados”, mas sim, o novo

ordenamento político-social criado por Maomé, denominado de *Umma*. Ainda Lannes (2013), caracteriza três formas de conservar os Estados conquistados quando estes, estão habituados a reger-se por leis próprias e em liberdade: a primeira consiste em destruí-los; a segunda é ir habitá-los; a terceira é deixá-los viver sob as suas leis, mas impondo um tributo e criando dentro deles um governo de poucos que os mantenha aliados. Os conquistadores árabe-islâmicos optavam sempre na segunda e a terceira opções e em casos de completa resistência, era usada a primeira opção.

Por outro lado, Bissio (2012), nos apresenta de forma evidente as palavras de *Ibn Khaldun* que este corrobora a legitimidade da língua, seja ela falada ou escrita como forma de sobreposição cultural. O árabe é, segundo *Khaldun*, a língua do profeta de *Allá*, instrumento pelo qual as leis foram ditadas e motivo pelo qual os idiomas locais devem ser deixados de lado. Os povos dominados deviam aprender a língua árabe como sinal de submissão a *Allá* e à sua nova Religião mais acabada. Este procedimento de dominação Islâmica, fez nascer um novo e vasto império Árabe, neta perspectiva Bissio (2012), localiza geograficamente este mundo compreendendo os seguintes países: a Arábia Saudita, Argélia, Barein, Catar, Comores, Djibuti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina, Somália, Sudão, Síria e Tunísia.

Por outro lado, Osvaldo (2016), caracteriza o mundo árabe actual que é dividido em várias regiões: o Vale do Nilo (do Egito até o Sudão), o Magrebe (Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Mauritânia e Saara Ocidental), o Crescente Fértil (Iraque, Líbano, Síria, Palestina e Jordânia) e a Península Arábica (parte do Iraque, Bahrein, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iêmen e Omã). De lembrar que, inicialmente, os árabes estavam restritos à Península Arábica. O “império árabe” (ou “islâmico”) formou-se depois do surgimento do islamismo na península.

Esta unidade linguística permitia que os estudiosos e os teólogos se deslocassem de um extremo ao outro de Islão e que artistas e músicos trabalhassem nas diferentes cortes. Desta forma, era possível conhecer os confins do Islã, sem distanciar-se completamente do ponto de origem, dizia-se que, só os árabes foram capazes de percorrer o mundo sem deixar seu espaço.

Desta forma, o islamismo se instalou e consigo levou o idioma próprio dos povos que seguem a religião, o árabe (Camila, 2015).

Assim, falar do mundo Árabe, não é tarefa fácil, pois, trata-se de uma série de países que se enquadram sob essa designação, apresentando todos eles, características muito diferentes, mas, é a língua árabe que melhor lhes identifica, por ser oficial nesses países que formam esse império.

1. 4. Chegada dos árabes em Angola.

Faleiro (2014), ao descrever sobre a presença muçulmana em Angola, ele caracteriza esse facto em cinco períodos: Período Pré-Islâmico, período Natalício Islâmico, período da Crise islâmica, período do Crescimento Islâmico e período da rejeição Islâmica. Na sequência, para Faleiro o período pré-islâmico, foi aquele que não havia sinais ou vislumbre da existência do Islão em Angola e esse período é o da era colonial, dominado pelos portugueses cristãos. Menciona-se um caso nos anos setenta de um muçulmano que vivia numa ilha de Luanda, que mais tarde apelidou-se àquela ilha até aos nossos dias como Ilha do Muçulmano ou simplesmente "Ilha do Muçulo". Já no período natalício do Islão, foi quando se implantou o islamismo em Angola de forma embrionária; desde os anos sessenta do século XX que os muçulmanos começam a chegar em Angola e em 1983, é construída a primeira Mesquita em Luanda. Com o monopartidarismo, a sua expansão foi lenta, mas com o multipartidarismo, o Islão ganhou protagonismo. O período da crise Islâmica se deu nos acordos de Bicesse com o fim da influência Soviética em Angola e mais tarde uma guerra civil que mergulhou o país num caos e se verificou uma estagnação expansionista do Islão em Angola, ficando apenas seu crescimento na cidade de Luanda, por influência do Maliano Maitre Alloune Blondin Beye, um muçulmano assumido, representante do Secretário da ONU em Angola, na mediação da paz entre o governo angolano e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) no Protocolo de Lusaka em 1994. Neste período, maior parte dos membros da unidade de pacificação militar da ONU eram muçulmanos e frequentavam as Mesquitas de Luanda e Beye, patrocinou na construção de outras Mesquitas no país. Com a morte de Beye em 1998, verificou-se a verdadeira crise do Islão, pois, não conseguiam chegar em um acordo de quem

seria o representante legal da comunidade muçulmana. O período de crescimento vai se dar em 2002, com a paz efectiva no país, verificar-se-á a presença de vários comerciantes muçulmanos e outros angolanos regressados para o país depois de muita vivência em países muçulmanos de África, este facto trouxe o nascimento de várias Mesquitas nas diversas Províncias de Angola. As organizações islâmicas que se manifestaram e demonstraram crescimento nesse período em Angola foram: Comunidade Islâmica de Angola (CISLANG), Comunidade dos angolanos crentes muçulmanos (CACM), Aliança muçulmana de Angola (ALMUA), Centro islâmico e documentação (CID), Liga islâmica em Angola (LIA), *África Muslim Agency* (AMA), *Munazamat Al Dawah*, Associação de beneficentes de Angola (ABA) e a Associação de mulheres muçulmanas em Angola (AMMA). Em 2005, a CISLANG e a CACM unificaram-se formando a Comunidade Islâmica de Angola (COIA) liderado por David Já.

Custódio (2015), nos traz alguns relatos de angolanos muçulmanos:

Meu nome é Celestino Chibululo , entrei no Islão em 1963 através de comerciantes mauritanianos que se encontravam no Zaire onde eu vivia[...]um deles chamado Mohamed gostou de mim e falava ao meu primo comerciante: eu preciso circular com este miúdo. Eu aprendi que entrar para o Islão é fé, é aceitar Deus único, Deus absoluto, não pode misturar com outro deus, não se pode falar em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito porque Deus é único (Custódio, 2015, p. 23).

Meu nome é Mwatchissupa, entrei no Islão em 1975, na altura do governo de transição, com a abertura da fronteira com o Congo democrático. Apanhei os vizinhos congolezes na praça, eles rezavam e eu procurei saber como era, aprendemos em língua Cokwé, levei-lhes para minha casa e ficaram três meses comigo. Depois de eles irem embora, eu fiquei falando com os meus amigos de confiança às escondidas nas regiões de Camakezo Caxinde e Camatundo [...], e em cada uma dessas localidades formamos grupos de 20 pessoas (Custódio, 2015, p. 23).

O último interlocutor, relata ainda que as reuniões nos anos 1975 – 1982, eram feitas em sua casa no Chitato e só mais tarde construíram a primeira Mesquita (*Masjid* “lugar de prostração”). Aqueles angolanos regressados da República

Democrática do Congo, foram um dos primeiros em Luanda a fazerem surgir o primeiro foco no Miramar na altura dirigido por *Abdullah* Salvador (in memória). Assim, em 1978, é fundada a primeira organização muçulmana em Angola a CISLANG (Comunidade Islâmica de Angola). De 1990 à 1991, verifica-se um número maior de muçulmanos em Angola devido à conjuntura política que era favorável, logo, é construída a primeira Mesquita em Luanda na Comuna do Palanca, Município do Kilamba Kiaxi denominada *al-Fatha* (A Abertura), posteriormente em 1991 – 1992 é construída a segunda Mesquita com a ajuda da *África Muslim Agency* na Comuna do Hoji-ya-Henda em Luanda a *al-Hudda* (A Guia ou Caminho Certo) e a terceira Mesquita é a *as-Sallam* (A Paz) no Mártires de Kifangondo no Município da Maianga (ibidem).

Heloisa (2018), elucida que, apesar de Angola estar cercada por países com forte presença muçulmana, até os anos 1950 não há registros oficiais de comunidades islâmicas locais, para Faleiro (2015), o fato se deve aos acordos feitos entre a Metrópole e a Sé Romana para garantir que o território fosse um “bastião do catolicismo em África.

O conjunto de muçulmanos em Angola, trouxe consigo um número considerável de imigrantes vindos de países que perfazem o mundo árabe e segundo Custódio (2015), a maioria vêm de Marrocos, Mauritânia, Tunísia, Líbia, Egipto, Sudão, Bangladeche, Síria, Líbano, Síria, Índia, Paquistão, Malásia, China, Filipinas, Nigéria, Guiné Conacri e Bissau, Congo Democrático, Costa do Marfim, Senegal, Gâmbia e Malí. Existem outros muçulmanos estrangeiros vivendo em Angola de outros países não citados, mas, é de particular importância termos em conta a proveniência desses muçulmanos, pois, possibilita vislumbrar as tipologias islâmicas presentes no país e assim como lidar com cada uma delas a nível da convivência quotidiana no universo cultural angolano.

**CAPÍTULO II - O IMPACTO DO COMÉRCIO DO MUNDO ÁRABE EM ANGOLA
E EM PARTICULAR NA MATALA.**

CAPÍTULO II - O IMPACTO DO COMÉRCIO DO MUNDO ÁRABE EM ANGOLA E EM PARTICULAR NA MATALA.

2. 1 – O Comércio no Mundo Árabe.

O mundo árabe segundo Bissio (2002), compreende aos seguintes países: Arábia Saudita, Argélia, Barein, Catar, Comores, Djibuti, Egípto, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina, Somália, Sudão, Síria e Tunísia. O Islão, de acordo com Júnior (sd), é a religião que predomina nesses países e com o maior crescimento mundial, logo, o maior número de comerciantes desses países são árabe-muçulmanos, que sua actividade comercial é influenciada pelo Islão, como diz Isabelle (2007), que essa religião é contrária ao monopólio e a manipulação de preços, como diz o Alcorão: 3: 130. “Ó vós que credes! Não pratiqueis a usura, dobrando-a várias vezes. Temei a Deus! Talvez prospereis. Temei o fogo que se preparou para os infiéis”.

Além disso, o Alcorão, por sua vez, é mencionado como um guia completo sobre conduta comercial, comportamento nas negociações, justiça e sistema económico. Essa ideia é corroborada por outros investigadores porque, no Alcorão estão escritos mais de 1400 dos 6226 versos referindo-se a assuntos económicos, o Alcorão preocupa-se muito mais com a vida económica do que a Bíblia Sagrada. Para muitos aspectos da vida diária, o Alcorão dispõe de orientações muito específicas e práticas promulgadas na *Sharia*, essas regras são aplicadas em todos os países onde a *Sharia* é a autoridade legal final. Existem temas e atitudes comerciais que são ilegais aos olhos dos comerciantes árabes-muçulmanos, citam-se: fraudes, juramentos constantes pelo vendedor para vender seus produtos, exposição de produtos falsos, transações que envolvem promessas e essas não são cumpridas, actividades especulativas de fixação de preços, comércio de carne suína, *marketing* negro, comércio de produtos roubados, transações que envolvem incertezas (Isabelle, 2007).

Importante contribuição faz Chalitta (2015), o autor, em sua preleção, nos diz que o Alcorão prega a generosidade, a hospitalidade, a gratidão, a caridade, o culto da família e condena a mentira, a avareza, a deslealdade, a arrogância. O livro sagrado regula diversos detalhes do comportamento humano, como as

relações íntimas, asseio pessoal, modos de cumprimentar e caminhar.

O islamismo segundo Manuel (sd), surgiu nos desertos da Arábia entre os anos 610 e 632 da nossa era, seu berço foi Meca, cidade importante pelo comércio das caravanas e grande centro de peregrinações. Trata-se de uma localidade não longe do Mar Vermelho, a meio caminho entre o Oceano Índico e o Mediterrâneo. Nessa altura a população de Meca com gentes politeístas e negociantes ricos, manifestava sinais evidentes de pretender lucrar ainda mais com o politeísmo da região.

Edson e Ubirajara (2015), enfatizam que, o surgimento do mundo árabe-islâmico se deu em território hoje pertencente ao país chamado Arábia Saudita, onde se localiza a importante cidade de Meca, o maior centro religioso árabe e encontrava-se nessa cidade a *Caaba*, com a Pedra Negra no seu interior, um símbolo de comunicação do Homem com as forças divinas. Meca se destacava ainda por sua intensa actividade comercial, dada a grande quantidade de pessoas que por ali passavam. Além disso, Meca era uma cidade que despertava interesses político-econômicos, onde líderes religiosos e comerciantes locais disputavam espaço. A riqueza e a influência de Meca atraíam invasores que desejavam dominá-la ou destruí-la, em uma dessas ocasiões, segundo narrações islâmicas, o pai de Maomé morreu lutando para defender a cidade. Esses factos provocaram profundas mudanças na vida de Maomé, pois, sendo órfão, foi morar com o avô numa comunidade de beduínos, exímios comerciantes nômades, onde aprendeu a arte de guiar caravanas que cruzavam as regiões desérticas e mais tarde retornou à Meca para trabalhar com um tio, exercendo comércio urbana no seio da sua tribo *Coraixita*. De lembrar, que a Península Arábica, era a principal rota terrestre entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Índico, sendo utilizada por caravanas de comerciantes que ligavam economicamente o Ocidente ao Oriente.

Segundo El Fasi (2010), durante a vida do profeta Maomé, o Islão tornara-se a religião dos árabes, coube aos seus sucessores imediatos, os primeiros *califas*, a tarefa de expandir a nova religião além das fronteiras da península arábica. Bissio (2002), corrobora que na verdade as fronteiras expandiam, as culturas se somavam, facto que dava aspecto extremamente diverso aos territórios sobre domínio muçulmano, mas a manutenção da unidade era necessária e garantida

pela língua árabe. O árabe, portanto, transformara-se no meio de expressão, não só daqueles que aceitavam o Islã, mas também de todos os que por diferentes motivos, necessitavam utilizar-se dessa língua seja para as relações comerciais como políticas.

Os árabes são desde muito tempo grandes comerciantes, tal facto, gerou um grande desenvolvimento de suas cidades como afirma Lewis (2010), as caravanas de Meca, carregadas de tâmaras, especiarias, perfumes e escravos saíam do deserto para o norte e para o oeste até a Palestina judaico-cristã e a Síria cristã, ou para o sul, até o Iêmen e para o oeste, atravessando o mar Vermelho até a Etiópia cristã. Na mesma senda, Armstrong (2002), conta que, os habitantes de Meca inclusive Maomé tinham grande orgulho de sua cidade, que se tornara um centro financeiro e a aglomeração urbana mais poderosa da Arábia. Os comerciantes de Meca haviam se tornado os árabes mais ricos da península arábica e desfrutavam de uma segurança que teria sido impensável duas gerações antes, quando ainda viviam a árdua vida nômade das estepes.

Várias eram as rotas comerciais de longa distância que punham a arábia em contacto com muitas regiões que lhes eram vantajosas, tais rotas, são descritas por Lewis (2010), ligando, principalmente, as regiões que circundavam o Mar Mediterrâneo e o extremo Oriente. A rota mais rápida entre o Oriente e as terras do Mediterrâneo passaria por territórios dominados pelos persas, que disso tirariam vantagens tanto econômicas quanto estratégicas. A primeira rota partiria da China e avançaria por regiões controladas por tribos nômades turcas, seguiria pelo Mar Negro, adentrando o território bizantino. Uma outra via seguiria pelas rotas marítimas meridionais, através do Oceano Índico. Elas terminariam no Golfo Pérsico e na Arábia e seguiriam até o Mar Vermelho com ligações por terra, através do Egipto passando pelo istmo de Suez. Por fim, os comerciantes poderiam seguir as trilhas de caravanas da região ocidental da Arábia, partindo do Iêmen até as fronteiras da Síria.

Jéssica (2016), define e explica que, a *Sunna* é uma expressão prática do que está no Alcorão, essa expressão assume muitas formas, às vezes vem como uma acção executada por Maomé, outras vezes é uma afirmação feita por ele em resposta a algo e ainda outras vezes assume a forma de uma afirmação ou acção de um dos companheiros que não foi impedida e nem objectada, ao

contrário, ele permaneceu em silêncio ou expressou sua aprovação sobre o assunto. De acordo com os estudiosos de *hadith*, a *Sunna* é tudo que foi relatado a partir do Mensageiro, de suas afirmações, acções, aprovações tácitas, personalidade, descrição física ou biográfica. Não importa se a informação relatada se refere a algo antes ou depois do início de sua missão profética. Com o advento do Islão, o comércio foi adoptado como uma prática religiosa, porque o profeta Maomé foi comerciante de profissão e todas acções comerciais e outras realizadas antes do chamamento por *Allá*, foram consideradas verdadeiras e dÍgnas de serem seguidas pelos muçulmanos como por exemplo, ser comerciante devoto. Maomé, desde o seu nascimento foi protegido e não cometeu nenhum erro em todas as suas acções, Deus protegeu sua língua de proferir algo que não seja a verdade e protegeu também seus membros de fazer algo que não seja o certo. Diz o Alcorão: “Que vosso camarada jamais se extravia, nem erra. Nem fala por capricho. Não é senão a inspiração que lhe foi revelada” (Alcorão 53:1-4).

Na mesma senda, Isabelle (2007), enfatiza que, a escolha de Maomé por Deus para ser seu profeta, está descrito no Alcorão: “Deus sabe melhor do que ninguém a quem deve encomendar a Sua missão” (Alcorão 6:124). As práticas, exemplo de conduta e os ensinamentos de Maomé, foram todos corretos como diz o Alcorão: “Acaso, incumbe aos mensageiros algo além da proclamação da lÚcida Mensagem”? (Alcorão 16:35). Por isso, os muçulmanos ao seguirem o exemplo de Maomé, descritos na *Sunna* e nos *Adith*, estariam doutro modo a aceitar os ensinamentos de Deus à humanidade. Aquilo que o profeta fez ou disse, deve ser seguido, por isso seus ensinamentos foram guardados em *Adith*.

Ioan (1986) descreve sobre as rotas transaarianas que serviram para as conquistas muçulmanas e a difusão do islamismo. As *jihads* contra os infiéis do Sahel causaram um grande impacto, especialmente a Audagoste, no século XI, e a Tombuctu, no século XVI, que foram atacadas e arrasadas. Mas, tão logo o Islã se consolidou no Sahel, o comércio transaariano foi retomado e dinamizado. Todos os comerciantes do norte da África que vieram com as caravanas eram muçulmanos e preferiam negociar apenas com muçulmanos. A ascensão almorávida no século XI e a queda de Gana deixaram claro que os governantes que se converteram ao Islão tinham sucesso no comércio transaariano. O

crescente comércio transaariano contribuiu para a disseminação do árabe como língua escrita na África Ocidental e subsaariana. O árabe tornou-se a língua religiosa, do comércio, do governo e da lei (Ioan, 1986).

2. 2 - A influência do comércio Árabe em África.

Desde às conquistas do norte da África e do sul da Europa promovidas pelos sucessores de Maomé, após sua morte em 732, serão o marco inicial dos contactos entre povos muçulmanos e os reinos africanos. Os feitos dos *califas* nos séculos VIII e IX, deram origem à rotas comerciais, que ligavam o Sudão Ocidental (África Ocidental), o Oriental em direção ao litoral do Mar Vermelho e a Península da Arábia. Assim, diversos caminhos e rotas de comércio cruzavam a África Ocidental e Oriental, desde os rios Senegal e Níger, passando pelo lago Chade, atravessando as regiões de Dafur, Núbia e Abissínia, conduzindo escravos e produtos diversos para o leste em direção ao mar Vermelho e para Norte. Outra área de intensa actividade comercial será a costa oriental junto ao Oceano Índico. Os séculos seguintes à intensidade do comércio e o afluxo de população, deram origem à formação de três grandes impérios na África Ocidental. O mais antigo foi Ghana, já centralizado em 800 d.C., data da primeira referência árabe; o segundo é Mali que começa a crescer no século XIII e persiste até o século XVII e, finalmente, Songhay cujo desenvolvimento abarca os séculos XV e XVI (Lovejoy, 2002).

Cronistas muçulmanos relatam inúmeras situações sobre o crescimento do comércio negreiro, através do Saara, segundo M'Bokolo (2009), este comércio negreiro, impulsionou a expansão de cidades e reinos nas franjas daquele deserto. Segundo a crônica de *Ibn as-Sagir* (770-780), estrangeiros de cidades comerciais distantes, da Península Árabe ou do Médio Oriente, como Basra e Kufa, se instalavam em cidades sudanesas como Tahert, e ali desenvolviam um intenso comércio de homens e produtos. Os caminhos levando para o Sudão ou para os países do leste e do oeste abriram-se ao negócio e ao tráfico de escravos. A riqueza de Ghana vinha do intenso comércio e da coleta de impostos que deu origem a uma sociedade onde floresceram inúmeras cidades. A capital, Kumbi, era uma grande cidade com cerca de 30 mil habitantes, entre população urbana e rural. Esta cidade era ponto de partida de várias trilhas transaarianas.

O rei e a aristocracia dominante controlavam as rotas comerciais, principalmente, aquela que trocava o sal, do Saara, pelo ouro da floresta do litoral.

Ainda Lovejoy (2002), salienta que antes das grandes caravanas transaarianas do período medieval, havia um comércio mais localizado entre os povos nômades do deserto e as tribos das savanas ao sul do Saara, frequentemente chamada de região do Sudão. As placas de sal do próprio Saara, que eram extremamente necessárias para as savanas carentes do mineral, eram trocadas por cereais como arroz, sorgo e painço, que não cresciam no deserto. As caravanas realmente grandes que viajavam no mínimo 1000 quilômetros para cruzar o Saara inteiro de facto passaram a acontecer a partir do século VIII d.C. com a ascensão dos estados islâmicos da África e impérios como o do Gana. As rotas mudaram ao longo dos séculos conforme as dunas de areia do deserto, enquanto impérios ascendiam e caíam em ambos os lados do Saara e ao passo que novos recursos foram descobertos e explorados. Songhay, o último dos impérios desta região, tem sua origem vinculada a inúmeras lendas e povos, entre estes os berberes do deserto. A capital Gao, outro importante centro comercial, foi por algum tempo tributária do império Mali. Existe documentação escrita (em árabe) sobre este povo. O Império do Songhay, também conhecido como império de Gao, conseguiu derrotar os malinenses liderados por *Alí Ber* (1464-2492), que estendeu seus domínios e o transformou em um típico império islâmico. Gradativamente, Songhay foi estendendo sua influência sobre outros povos da região, tornando tributárias as cidades de Tombuctu e Dejene, as quais, apesar disso, não deixam de continuar florescendo comercialmente.

Fernandes (sd), descreve as jornadas pelo Saara que podiam levar de 40 a 60 dias e só era possível pelas escalas em oásis ao longo do caminho, mas ainda assim, a viagem era brutal e perigosa. O facto de haver rotas estabelecidas mapeadas, é uma forte evidência de que qualquer desvio improvisado, a tomada de atalhos, era certo de se tornar um desastre. Outros perigos envolviam bandidos, serpentes venenosas, escorpiões, e demônios sobrenaturais que o povo do deserto acreditava assombrar algumas partes do Saara. O líder da caravana, chamado *Khabir*, era passível de culpa por quaisquer perdas e acidentes, devia saber as rotas do deserto, onde havia água, capaz de encontrar o caminho guiado pelas estrelas à noite, as vezes pelo cheiro e pela textura da

areia e da vegetação. Ainda, devia compreender as regras de higiene do deserto, antídotos para veneno de serpentes e escorpiões, como curar doenças e cuidar de fraturas, conhecer as várias cidades e tribos com as quais a caravana teria que negociar e seria hábil em consolidar sua posição com casamentos estratégicos em diversas tribos.

O comércio realizado nessas cidades movimentava inúmeros produtos obtidos regionalmente ou trazidos de grandes distâncias, como o trigo, uvas, tâmaras. De realçar que, o comércio de escravos era sempre presente e cada vez mais expressivo. Para muçulmanos, a escravidão era uma questão religiosa, todos os que não aceitassem a religião do Islã poderiam ser escravizados. *Ahmed Bābā*, um estudioso de Tombuctu, apesar de condenar a escravidão afirmava: A razão para a escravidão é a descrença, e os descrentes sudaneses são como os outros *kafir*, sejam eles cristãos, judeus, persas, berberes ou quaisquer outros que persistam na descrença e não adotem o Islã (Lovejoy, 2002).

Na África, segundo Thiago (2012), a presença muçulmana articulou rotas comerciais entre o Norte e o Sul, incentivando o tráfico de infiéis ao islamismo, deslocados do Sahel para as terras islamizadas, em rotas que chegavam até a cidade de Meca. Entre os séculos XI e XV, há muitos relatos que informam a chegada de caravanas à Meca, trazendo escravos e ouro.

O comércio transariano, dominado por árabes, conferiu aos estados africanos poderes tremendos em suas respectivas regiões enquanto eles tiveram acesso à mercadorias tidas como altamente valiosas por suas próprias populações e as de seus estados competidores. Estas mercadorias podiam ser consumidas para realçar o prestígio das classes dominantes ou comercializadas ou taxadas, o que tornava as elites governantes ainda mais ricas e, através do pagamento de exércitos, as colocava em uma posição ainda mais poderosa em relação às tribos subjugadas e estados menores. Ideias, tecnologia e a religião também se propagaram. Embora a extensão da influência cultural de cada lado seja difícil de calcular com precisão, sabe-se de facto que o Islã foi introduzido à região do Sudão e não só, por meio de comerciantes árabo-muçulmanos. Mesquitas e planeamentos urbanos islâmicos começaram a ser vistos nas cidades sudanesas. A adoção de balanças de precisão com pesos de vidro por algumas

culturas sudanesas, quase certamente em resposta à necessidade de se pesar ouro em pó (Fernandes, sd).

O islamismo atingiu o leste africano pela expansão do comércio e de ondas migratórias, que se deslocavam no sentido Norte-sul. Os agentes atuantes mais destacados no estabelecimento e desenvolvimento de rotas comerciais que cortavam o deserto saariano e levavam a fé islâmica às savanas africanas foram os Berberes, cuja influência na cultura muçulmana predominou tanto na África Ocidental quanto no Magreb (Thiago, 2012).

Além destes mercadores de longa distância, que percorriam várias terras, Ioan (1986), destaca a importância das pequenas organizações comerciais, altamente especializadas, que se associaram ao islamismo e contribuíram com o desenvolvimento da religião. Por superar os limites étnicos, o islamismo ofereceu a esses homens possibilidades de se relacionarem com pessoas e mercados exteriores àqueles em que viviam. Redes comerciais supraétnicas foram estabelecidas em pequenos e médios circuitos, ligando actividades comerciais e formando uma rede econômica entre as diversas corporações menores.

Silva (1992), apresenta a influência do comércio árabo-muçulmano, que se deu pelo ensino e pela religião islâmica. Ao dominarem a escrita, faziam parte de uma pequena comunidade de letrados, aos quais os mistérios da religião se apresentavam por meio do Alcorão. Ao se formarem comunidades muçulmanas decorrentes do comércio ou de aldeias de artesãos, os mestres ou homens santos passavam a ser necessários, uma vez que eram responsáveis por ensinar aos jovens a doutrina muçulmana e dirigir a vida religiosa dos crentes.

Embora as aristocracias responsáveis pela gestão dos estados fossem guerreiras, elas se beneficiavam com a presença dos mercadores árabo-muçulmanos, uma vez que eles eram os responsáveis pelo escoamento dos cativos gerados nas guerras e pela importação de recursos aplicados tanto na realização das expedições, como cavalos, quanto na diferenciação social, por meio de bens e de *status*. Associados à classe militar, os comerciantes cresciam em poder e prestígio, tornando-se concorrentes da aristocracia no exercício do poder político (Thiago, 2012).

2. 3 – Chegada de comerciantes do mundo Árabe na Matala.

A província da Huíla está situada no sudoeste do país, tendo, grosso modo, uma forma rectangular, limitada pelos paralelos 13° 15' e 16° 30' Sul e pelos meridianos 13° 30' e 16° Leste. Dispõe de uma área de 78.879 Km^2 . Confina a Oeste com a Província do Namibe, a Norte com as de Benguela e do Huambo, a Leste com as do Bié e do Cuando-Cubango e a Sul com a Província do Cunene. Actualmente a sua divisão administrativa é composta por 14 Municípios (Anjos, 2011).

A Matala, é um destes 14 Municípios da Província da Huíla, possui uma extensão territorial de 9.070 Km^2 e compreende as seguintes coordenadas geográficas: Latitude Sul – 14° 27' e 16° 03'; Longitude Oeste – 14° 44' e 15° 34'. O território do Município da Matala tem 222.880 habitantes, uma extensão de 9.065 Km^2 e uma densidade populacional de 25 habitantes por Km. Possui três comunas: Capelongo, Micosse e Mulondo. É limitado a Norte pelo Município de Chicomba, a Sul pelos Municípios de Cahama e Ombadja, a Oeste pelos Municípios de Quipungo e dos Gambos, a Leste pelos Municípios da Jamba, Chipindo e Cuvelai¹.

Segundo Giddens (2001), as migrações Bantu ocorridas nos finais do século XV, trouxeram no actual território de Angola povos que penetraram a partir do Sul e se instalaram no planalto da Huíla. Desde logo, a região da Matala foi crescendo populacionalmente, devido a fusão de diversos povos provenientes do Sul, Norte e do Sudeste de Angola que, fugindo do comércio negreiro, do trabalho forçado perpetrados pelos europeus e também do conflito armado pós-independência, vieram fixar-se nesta região.

Actualmente, o Município da Matala congrega vários grupos etnolinguísticos, predominantemente os Nhaneca e Humbi que imigraram, não somente em circunstâncias já referidas, mas também para trabalhar em grandes empreendimentos que estavam a ser levados a cabo, como a barragem hidroeléctrica da Matala que fornece energia eléctrica às províncias da Huíla e

¹ Estudo feito no Município da Matala em 2009 pelo PDI (Programa de Desenvolvimento Integrado Municipal na Matala).

Namibe. O número da população portuguesa na época colonial era elevado, em virtude do governo português ter adoptado políticas de colonatos para exploração agrícola onde se concentravam os cidadãos vindos da metrópole. Para controlar os empreendimentos referenciados e a respectiva população, quer europeia quer os ditos indígenas, o governo português instalou o primeiro Posto Administrativo na localidade de Capelongo, então Vila Folgares. Pela portaria nº 14123, a Sede do Concelho de Capelongo é transferida para a Matala à 27 de Agosto de 1958. O nome Matala, provém da língua Nhaneka-Humbi, OMATALA, que se traduz como LAGOAS, segundo o discurso dos habitantes².

Bissio (2012), citado anteriormente, localiza geograficamente o mundo árabe compreendendo os países: a Arábia Saudita, Argélia, Barein, Catar, Comores, Djibuti, Egipto, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Palestina, Somália, Sudão, Síria e Tunísia.

Desde a presença de árabes-muçulmanos em Angola em princípios do século XX da nossa era segundo Faleiro (2014), a actividade comercial praticada por eles, vem crescendo cada vez mais até aos nossos dias, impactando não só na economia do Município da Matala, como também na esfera social, política e religiosa local. Centro para o Desenvolvimento e Parcerias de Angola, 2009

No caso particular do Município da Matala, os comerciantes de origem do mundo árabe que praticam essa actividade, são provenientes do Líbano e Mauritânia.

Ao abordarmos sobre a presença dos primeiros comerciantes provenientes do mundo árabe no Município da Matala, recorreremos ao uso da entrevista semi-padronizada, que segundo Marconi e Lakatos (1996), é o tipo de entrevista mais usual nas pesquisas científicas, baseada em um roteiro estruturado com uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, apoiadas num quadro teórico, nos objectivos e nas hipóteses da pesquisa.

Segundo o nosso primeiro entrevistado, explicou:

² Estudo feito no Município da Matala em 2009 pelo CDPA (Centro para o Desenvolvimento e Parcerias de Angola).

Recebe os primeiros dois Mauritanianos, *Yayá* e *Bissi*, às 14 horas de Sábado, no mês de Agosto de 2006, esquecendo-se o dia. Tais Mauritanianos, vinham da cidade do Lubango e tinham informações a partir de lá que, se precisassem de um espaço para uma loja na sede municipal da Matala, deviam contactar o senhor “Toni” e conseguiram meu contacto telefónico a partir de alguém e logo que chegaram ligaram para mim. Ajudei-os a contactar o senhor Ferraz (in memória), a arrendar o seu Bar, localizado bem no centro da sede municipal, que a muito não funcionava. No dia seguinte foram feitas as negociações positivamente entre as partes e em Setembro do mesmo ano, estava em funcionamento a loja que no princípio vendiam material de construção e electrodomésticos. Por outro lado, fui eu a procurar um carpinteiro para colocar uma porta na casa de banho, o qual se tornou no primeiro empregado deles³.

Coloquei a porta na casa de banho do ex Bar do senhor Ferraz, que estava sendo preparado para ser a futura loja dos senhores *Yaya* e *Bissi*, isto em 2006. Logo que terminei o trabalho, apresentaram-me uma proposta de trabalhar com eles quando a loja começasse a funcionar, aceite-a imediatamente. Lembro que, em Outubro quando a loja abriu ao público, era conhecida como “*Beyna* comercial”, vendia-se material de construção e eléctricos. Passados alguns dias, mais funcionários angolanos residentes na Matala foram contratados, foi o caso da Sandra, a Jú e o jovem Darosa, juntando-se a mim⁴.

2. 4 - O evoluir de comerciantes do mundo árabe na Matala

Ainda sobre as dinâmicas comerciais de árabes na Matala, explicaram-nos que, o tempo foi passando e as vendas cresciam e por um desentendimento, o mais velho *Bissi* decidiu ter sua loja, vendendo produtos diversos e sua loja veio a ser apelidada pelos munícipes por “Casa Azul”, embora era uma continuação da “*Beyna* Comercial”. Eu continuei trabalhando nas duas lojas, até que nos anos seguintes apareceu o *Mohamed*, irmão do *Yaya* e mais tarde o *Abdul* e o *Mustafá*, todos trabalhando na primeira loja com o *Yaya* e o mais velho *Bissi*

³ A. Manuel, farmacêutico residente na Matala (Comunicação pessoal, 29 de Julho de 2021, às 13 horas).

⁴ V. Manuel, funcionário de uma loja de um nacional Mauritaniano (Comunicação pessoal, 29 de Julho de 2021, às 08 horas).

sozinho noutra loja. Esses outros Mauritanianos citei que chegaram mais tarde, criaram suas lojas de produtos alimentares diversos e eu trabalhando em todas lojas como fiel de Armazém, porque eram lojas ligadas à “*Beyna comercial*”. Muitos outros mauritanianos foram chegando na Matala, mais lojas foram surgindo e depois padarias e eu até ao presente momento como sabem, sou funcionário da empresa do senhor *Abdul* a “*Joma Barte*”, já estou à 15 anos de convivência com mauritanianos cá na Matala. Questionado se já foi evangelizado por eles para aderir o Islão, respondeu que sim, por várias vezes, embora não aceitei, isso não prejudicou a nossa relação laboral nem de amizade. São boas pessoas, quando alguém precisa de ajuda, eles não demoram para tal, principalmente quando é com um conterrâneo deles, nesses anos todos de convivência, cometi muitos erros, que devia merecer expulsão, mas ainda assim fui perdoado e continuo trabalhando⁵.

Cheguei em Angola em 2005, vivendo inicialmente em Luanda e anos depois no Lubango. Disse-nos que, na Matala cheguei em 2011, juntei-me à “*Beyna Comercial*” de meus conterrâneos que já operavam cá na Matala, trabalhei com eles e no ano seguinte tive o meu próprio empreendimento que funciona até hoje. Disse mais que, Matala é um Município para viver sim, as vendas favorecem continuar a actividade comercial, embora com alguns momentos baixos devido à crise económica e ainda mais com a pandemia da *COVID-19* que veio agravar esses constrangimentos. Já ajudei vários comerciantes angolanos à aumentarem o volume de seus negócios e várias ajudas já fiz junto à Administração Municipal para apoiar as comunidades carenciadas da comuna do Mulondo e do sul do país devido a seca. Sou muçulmano convívto e já endereçamos um documento às autoridades competentes do governo angolano para a abertura de uma casa de orações (*Mesquita*), pois a comunidade muçulmana já é grande cá na Matala⁶.

Tenho sua loja de produtos diversos alimentares, é muçulmano e disse que seus fornecedores, são muito precisos no envio dos produtos que sempre precisou.

⁵ V. Manuel, funcionário de uma loja de um nacional Mauritaniano (Comunicação pessoal, 29 de Julho de 2021, às 09 horas).

⁶ *Abdul*, Mauritaniano e gerente da Empresa “*Joma Barte Comercial*” sediada na Matala (Comunicação pessoal, 29 de Julho de 2021, às 14 horas).

Minhas vendas, favorecem a continuar trabalhando aqui, não tenho problemas com os matalenses, o que mais me interessa é fazer amizades e ajudar as pessoas a comprarem aquilo que precisam sem viajar para Lubango, na verdade, gostaria de formar família na Matala com uma angolana⁷.

Continuamos ouvindo mais e mais alguns entrevistados e este, disse-nos que chegou na Matala em 2013, tem sido uma grande bênção trabalhar aqui nesse Município, já tenho muitos amigos que frequentam Igrejas Cristãs e conseguimos conviver na diferença⁸.

2. 5 - O Impacto sócio-económico do Comércio do Mundo árabe na Matala.

Procuramos ouvir alguns gerentes de bancos comerciais da Matala e comerciantes grossistas e retalhistas angolanos, sobre o impacto do comércio de negociantes oriundos do mundo árabe, muitos deles tiveram uma visão quase semelhante.

As grandes empresas que nos fornecem produtos alimentares e não só, as mais comprometidas, sem burocracia, tratam de igual por igual seus clientes, sem amiguismo e compadrio, são aquelas que seus accionistas são muçulmanos verdadeiros como por exemplo a *ANGOLISSAR*, a *ANSEBA*, a *ZARA* e outras. Mas aquelas que seus accionistas são cristãos principalmente eritreus, são gananciosos, sobem preços sem justificativas, ele é grossista mas também retalha, esses criam-nos embaraços e a fiscalização municipal não diz nada, são corrompidos porque quando se fala em corrupção, os eritreus são bons nisso ao contrário de comerciantes muçulmanos que são fiéis ao seu credo religioso. Cá na Matala, os armazéns de produtos alimentares e não só mais frequentados e com dimensões maiores, são de eritreus os quais acabei de realçar seu negativo comportamento. Alguns dias atrás, os eritreus aliciaram a gerente do armazém BEM BARATO, para fornecer farinha e arroz só a eles, nós não conseguíamos ter produtos porque eles comprovam quase tudo, fomos obrigados a comprar

⁷ *Hamed*, comerciante Libanês residente na Matala (Comunicação pessoal, 39 de Julho de 2021, às 10 horas).

⁸ *Mém*, comerciante Mauritaniano, residente na Matala (Comunicação pessoal, 29 de Julho de 2021, às 11 horas).

neles à preços muito altos, sentíamos as dificuldades das pessoas a comprarem-nos. Nossas denúncias e de outras pessoas, levou a exoneração do Director do comércio na Matala, o qual era conivente neste negócio ilícito que contraria às leis comerciais vigentes no país⁹.

Os comerciantes árabes-muçulmanos, são verdadeiros parceiros e sabem fazer negócio, prefere ganhar pouco e vender mais, estou a aprender muito com esses camaradas, mas os eritreus, são semelhantes à alguns angolanos, gostam de corromper e aliciar, até algumas moças clientes deles lhes pedem namoro e elas aceitam porque ganham mais simpatia e recebem produtos de forma prioritária, lamento por isso. Se os comerciantes grossistas árabes-muçulmano fossem maioritários cá na Matala, o ambiente comercial tanto o formal como o informal, devia ser uma glória, porque os caras são bons. Mas ainda assim, não deixo de agradecer aos comerciantes Árabes, o quanto estão ajudando os matalenses nos produtos alimentares e outros¹⁰.

Os comerciantes do mundo árabe, são tão bons ao ponto de não aceitarem receber dinheiro de forma adiantada para compra de um produto, mesmo que tal mercadoria esteja no Lubango e que amanhã estará em sua posse. Sempre pautaram na lisura das coisas e nalgumas vezes ligam para saber que produtos precisamos e nos informam sempre como os preços no mercado estão oscilando. Muitas cantinas cá na Matala fecharam devido a crise financeira e a *COVID-19*, mas nesse conjunto de causas, sem medo de errar incluo os eritreus como culpados também, que passaram a retalhar seus produtos, enquanto grossistas. Por exemplo, eu compro uma caixa de óleo alimentar para retalhar na minha cantina e ele no armazém também vende um litro mais barato numa diferença de 250 kwanzas, é claro que as pessoas irão comprar lá, criando falência de muitas janelas abertas e lojinhas de muitos angolanos. Até sabão também vendem em barras como nós na praça. Já fizemos muitas denúncias na Direcção do comércio e nada procedeu até ao preciso momento¹¹.

⁹ S. Kamosso, comerciante retalhista angolano, residente na Matala (Comunicação pessoal, 19 de Julho de 2021, às 13 horas).

¹⁰ P. Rodrigues, comerciante retalhista angolano, residente na Matala (Comunicação pessoal, 19 de Julho de 2021, às 16 horas).

¹¹ R. Alfredo, comerciante retalhista angolano, residente na Matala (Comunicação pessoal, 19 de Julho de 2021, às 15 horas).

Entrevistados muitos comerciantes retalhistas angolanos da Matala e outras pessoas que frequentam lojas de material de construção destes mesmos árabes em diversos pontos, as abordagens foram unânimes em dizer que, os comerciantes vindos do mundo árabe são bons parceiros, respeitam os angolanos, seus produtos à preços acessíveis têm ajudado os matalenses e favorece o crescimento de pequenos empreendedores que procuram ter um pequeno negócio de venda de produtos alimentares e outros. Falando de material de construção, actuam nessa área comerciantes do mundo árabe e mais um Chinês, seus produtos são originais e vendidos à preços acessíveis com garantia de quase três meses.

Isbelle (2007), afirma que os comerciantes Árabes-muçulmanos, são influenciados pela religião Islâmica, pois, o Islã dita regras de conduta aos seus fiéis por ser contra ao monopólio e a manipulação de preços.

Segundo a ANGOP (2020), desde o ano de 2004 que existe a Embaixada dos Emirados Árabes Unidos em Angola, vem se verificando um conjunto de acordos bilaterais entre o governo angolano com países Árabes em diversos domínios, principalmente no comércio, agricultura, indústria e mineração. Recentemente o governo angolano ratificou um acordo de cooperação comercial com os Emirados Árabes Unidos (EAU). Os dois Estados mantêm uma activa cooperação económica, que resultou, só em Junho de 2020, em 1,9 mil milhões de dólares (1,611 milhões de euros), em volume de exportações e importações. O impacto da actividade comercial dos Árabes em Angola, criou um bom ambiente de negócio, na distribuição de produtos da linha alimentar gerando emprego aos jovens e não só.

Vilola (2020), reportou um relatório disponibilizado pela Embaixada de Angola nos Emirados Árabes Unidos, da abertura de um financiamento que permitirá materializar diversos projectos, mutuamente vantajosos incluindo a troca de experiências, formação de quadros, transferência de *know-how* e tecnologia. Na audiência que concedeu ao secretário de Estado para a Agricultura e Pecuária, João Manuel Bartolomeu da Cunha, a frente de missão do Estado angolano àquela país, *Abdullah Belhaif Al Nuaimi* enfatizou a necessidade da celebração de um Memorando de Entendimento entre os dois países nos domínios da agricultura, pecuária, florestas e pescas. No encontro com Sua Alteza *Sheikh*

Ahmed Dalmook Al Maktoum, proprietário da unidade de montagem de tractores agrícolas e de telemóveis em Angola, as partes analisaram a evolução dos investimentos no país, bem como a apresentação de novos projectos, nos domínios da produção agrícola, fertilizantes, pesticidas, linha de montagem de máquinas e equipamentos para a agricultura familiar. Neste momento, Angola é vista com bons olhos pelas autoridades emiratis, porquanto o programa de governação atrai e responde aos interesses dos investidores daquele país. Nos últimos três anos, investimentos de referência fixaram-se na Zona Económica Especial como prova deste interesse, casos das fábricas de montagem de tractores e também a de telemóveis.

Por outro lado, Esteves (2021), reporta que no domínio rodoviário, foi abordada, durante o encontro, a necessidade da materialização da integração de Angola nas regiões em que está inserida, nomeadamente na África Austral e Central. Em concreto, o acordo garante maior fluxo de investimento entre os dois países, gerando múltiplos benefícios ao crescimento da economia e, por outro lado, evita que os empresários residentes de cada um dos países paguem impostos em Angola e nos EAU, afastando a possibilidade de fuga ao fisco. Os Emirados Árabes Unidos é uma confederação árabe localizada no Golfo Pérsico, formada por monarquias árabes, cada uma detendo a sua soberania, chamadas emirados. Os sete emirados são Abu Dhabi, Dubai, Xarja, Ajmã, Umm al-Quwain, Ras al-Khaimah e Fujeira. A capital e a segunda maior cidade dos Emirados Árabes Unidos é Abu Dhabi. A cidade também é o centro de actividades políticas, industriais e culturais. O islamismo é a religião oficial e o idioma árabe, a língua oficial. Recorde-se que, a nível dos transportes, os dois países já desenvolvem, entre outras, actividades a nível da aviação, através de voos que ligam as cidades de Luanda e Dubai. Sobre esta matéria, Tété António, Ministro das Relações Exteriores de Angola, informou que a ideia agora, passa por aumentar as frequências. A transportação de energia foi o ponto analisado no domínio da energia. O ministro das Relações Exteriores disse que, não obstante o país dispor de barragens, ainda assim é insuficiente, tendo sublinhado que a parte mais difícil e onerosa, neste processo, em termos de investimento, é a transportação do produto.

Esses investimentos no território nacional angolano, até certo momento poderão impactar o Município da Matala, sendo parte integrante do país e com potencial agro-pecuário.

As empresas reconhecidas de árabes, algumas delas têm contas no nosso banco e sempre movimentam as mesmas fazendo depósitos e transferências à outras empresas fornecedoras de seus produtos. Temos sempre capacidade de pagamento de valores avultados aos nossos clientes, sempre que justificados sua origem e seu fim de forma legal. Acrescentou ainda que, nunca notaram indícios de lavagem de dinheiro nem financiamento ao terrorismo dos comerciantes árabes na Matala¹².

Alguns comerciantes Árabes têm domiciliado seus depósitos no nosso Banco por motivos de segredo bancário não vou mencioná-los, mas, suas contas são movimentadas normalmente como mandam as regras. Informou-nos também que têm desencadeado várias palestras no mercado paralelo aconselhando os comerciantes sobre os vários riscos que nosso negócio pode passar se não termos uma conta bancária, por outro lado, das vantagens do nosso negócio com a abertura de uma conta bancária¹³.

Existem comerciantes oriundos do mundo árabe que têm abertas contas bancárias e movimentam de forma normal até, muitos deles têm TPA (Terminal de Pagamento Automático) do banco BAI. Ainda assim, admitiu que alguns deles ainda não abriram contas nalguns bancos porque, para abrir uma conta bancária de uma empresa ou de uma loja, é necessário o cumprimento de alguns requisitos que passam num conjunto de documentos de legalização, nessa senda, tais comerciantes não conseguem devido a burocracia dos serviços públicos a fins. Logo, eles recorrerem aos seus conterrâneos para transações monetárias adquirindo assim produtos dos seus fornecedores¹⁴.

Alguns comerciantes vindos do mundo árabe cá na Matala, seus estabelecimentos comerciais funcionam com alvarás em nome de cidadãos

¹² L. Cabral, subgerente do Banco BIC na Matala (Comunicação pessoal, 07 de Julho de 2021, às 10 horas).

¹³ R. Santos, Gerente do Banco, BFA na Matala (Comunicação pessoal, 07 de Julho de 2021, às 09 horas).

¹⁴ A. Muati, Subgerente do banco BAI na Matala (Comunicação pessoal, 07 de Julho de 2021, às 09 horas).

nacionais e eles aparecem como funcionários. Outro problema encontrado é que, existem procedimentos legais próprios para um nacional empregar um estrangeiro, logo, outra maneira encontrada por estes árabes é colocarem cidadãos nacionais no atendimento e eles aparecem na loja duas ou uma vez por dia, apenas fazendo uma supervisão de como estão as vendas, reparar os produtos em falta e em caducidade e no caso de infracções comerciais, responde a pessoa no qual está passado o alvará. No fundo, isso cria constrangimentos de gerir o negócio desses árabes, mas com o surgimento de vários acordos bilaterais que o nosso governo vem assinando com países árabes e da nova dinâmica documental do simplifica, alguns deles terão alvarás próprios e acreditamos que a dinâmica comercial no nosso Município conhecerá um outro rumo de desenvolvimento. Sobre aqueles comerciantes grossistas mas que vendem também a retalho, disse que, é uma realidade constatada, mas temos acautelado a situação e procurando gerir sem que prejudiquemos os nossos parceiros comerciantes, principalmente aqueles que têm cantinas e os vendedores dos mercados informais, que são os verdadeiros retalhistas. Disse ainda que, foi publicada em Diário da República de Angola no passado dia 22 de Abril, a Lei n.º 10/21, que vem alterar a Lei do Investimento Privado (Lei n.º 10/18, de 26 de Junho). Esta Lei vem prever a possibilidade de negociação dos incentivos, facilidades e demais direitos dos investidores, assim como melhorar as condições de competitividade na atração de investimento para Angola¹⁵.

Nelson F. (2018), faz constar sobre a apreciação e aprovação, por unanimidade na Assembleia Nacional, a Lei da Concorrência que visa quebrar o monopólio existente. O diploma vai penalizar os infratores, estando previstas punições que vão até 10% do volume de negócios do último ano para as empresas incumpridoras das regras da concorrência. O governo angolano criou ainda a Autoridade Reguladora da Concorrência (ARC), que irá trabalhar exclusivamente na aplicação da nova lei. Foi igualmente aprovada a Lei de Investimento Privado. A novidade reside na exclusão da obrigatoriedade dos estrangeiros cederem participações societárias no capital social das suas empresas. A lei anterior obrigava os nacionais a ter uma participação de pelo menos 35% no capital

¹⁵ A. Pascoal, Chefe de Secção do Comércio no Município da Matala (Comunicação pessoal, 06 de Julho de 2021, às 09 horas).

social das empresas estrangeiras que pretendem operar em Angola. A reforma vai permitir que empresas estrangeiras invistam no país sem a obrigatoriedade de terem um sócio nacional. O objectivo é conseguir aumentar a captação de Investimento Directo Estrangeiro (IDE). A facilidade dos estrangeiros investirem em Angola está muito mais aberto e seguro e para os angolanos, a lei traz vantagens no desenvolvimento sócio-económico.

Com base aos pronunciamentos dos nossos entrevistados, conseguimos notar que, socialmente falando, os árabes são de bom trato, sendo amigos e convivendo com cristãos maioritários no nosso país. Alguns comerciantes do mundo árabe cá na Matala, têm namoradas angolanas e muitos deles já casaram e outros convictos de um dia também casarem, um dos requisitos apontados por eles para casar é a mulher tornar-se muçulmana ou ser simpática a esta religião.

2. 6 - O Impacto político do Comércio do Mundo árabe na Matala.

Alguns comerciantes do mundo Árabe na Matala, têm feito muitos vistos de permanência comercial, maioritariamente da Mauritânia, ao contrário dos da Eritreia, que muitos deles são comerciantes renomados mas que estão em Angola em condições de refugiados, o que no fundo não se acredita¹⁶.

Os comerciantes do mundo árabe cá na Matala, são nossos parceiros, nos ajudam quando precisamos deles, desde que tomei posse deste cargo e do relatório encontrado dos outros comandantes que por aqui passaram, não houve nem há até ao preciso momento relatos de indício de terrorismo, lavagem de dinheiro ou financiamento ao terrorismo. Temos conhecimentos de um armazém *AROSFRAN* encerrado pelas autoridades competentes ao nível nacional por alegado envolvimento ao financiamento do terrorismo, cá na Matala teve um armazém desta rede alimentar, desde lá até hoje, não temos nos nossos radares começantes árabes envolvidos no branqueamento de capitais nem ao financiamento do terrorismo, até porque os árabes que vivem cá e praticam comércio, são todos do grupo Sunnita e nenhum Xiita, porque na linha do terrorismo, embora Xiitas como Sunnitas são propensos ao terrorismo, mas as

¹⁶ C. Manecas, 2ª Ajudante do Cartório Notarial da Matala (Comunicação pessoal, 06 de Julho de 2021, às 10 horas).

pesquisas feitas pelos países do ocidente, provaram que a maioria dos grupos terroristas e radicais, são de matriz Xiita. Até então, não recebemos orientações de estruturas superiores do nosso ministério indícios dessas pessoas no nosso Município e pelo trabalho que nosso efectivo vem desencadeando, nunca existiu um caso sequer desta natureza, mas, isso não nos faz estar descansados, a vigilância continua para garantir a paz e segurança do nosso país. Até ao momento nenhum caso foi esclarecido no nosso comando e postos policiais onde está envolvido um árabe, pelo contrário, são verdadeiros colaboradores das leis do país e a boa convivência social para eles é o ponto primordial¹⁷.

Uma informação avançada pela VOA (2009), Angola vem sendo vista pelos países Ocidentais, principalmente dos Estados Unidos da América, como sendo um refúgio de financiadores do terrorismo onde as suas empresas prosperam. O alegado grande financiador do *Hezbollah* e fugitivo, *Adnan El Rahi*, também estará ainda escondido em Angola, segundo a Justiça americana. O empresário libanês *Kassim Tajideen*, que durante vários anos operou em Angola, foi condenado na sexta-feira, 9 de Agosto de 2019, a cinco anos de prisão por um tribunal federal americano em Washington. *Tajideen* foi preso em Marrocos a 12 de Março do mesmo ano e extraditado para os Estados Unidos da América, depois de ter sido obrigado a abandonar Angola na sequência de um alerta enviado às autoridades de Luanda pelos Estados Unidos, no qual acusavam o empresário de estar a colaborar com o grupo libanês *Hezbollah*, considerado uma organização terrorista por Washington. O empresário foi acusado de conspirar com pelo menos cinco outras pessoas para levar a cabo transacções comerciais avaliadas em mais de 50 milhões de dólares, em violação a sanções americanas contra o *Hezbollah*. A expulsão de *Kassim Tajideen* de Angola teve ramificações no país, onde o Serviço de Investigação Criminal (SIC) ouviu o antigo sócio de *Tajideen*, Francisco Mateus Dias dos Santos (Kito dos Santos), constituído arguido no processo que lhe foi movido pelo presidente do Tribunal Supremo Rui Constantino Ferreira. A *AROSFRAN* era uma companhia de importação de bens alimentares que foi extinta na sequência do mandado de

¹⁷ T. Lukata, Comandante Municipal da Polícia Nacional na Matala (Comunicação pessoal, 06 de Julho de 2021, às 17 horas).

captura emitido nos Estados Unidos da América contra *Kassim Tajideen*. O grupo *AFROSTAN* foi dissolvido após a expulsão de *Kassim Tajideen* de Angola.

2. 7 - O Impacto religioso do Comércio do Mundo árabe na Matala.

Os amigos árabes são de boa convivência e até não consigo entender por que alguns deles noutras paragens do mundo são radicais e terroristas. Os que conheço são tolerantes, acrescentou ainda que, sou vizinho de uma das lojas desses irmãos e sempre que me deparo com um deles na lojinha, tratam-me de senhor Pastor. Estou programando um estudo Bíblico com um deles, estou orando por isso, para o Espírito Santo trabalhar no coração dele que venha ser receptivo à esse convite de conhecer Deus no verdadeiro sentido e o plano de salvação personificado em Jesus Cristo o Messias. Não é de admirar que alguns árabes tenham comportamentos como esses de boa convivência, até porque em Angola, maior parte deles são nossos amigos, eles limitam-se apenas em comercializar e nada de intrigas sobre religião¹⁸.

O patrão é muito bom, nalguns momentos fica nervoso por conta de maus comportamentos nalgumas vezes de nossa parte. Sempre que chega o momento de oração, ele não gosta que o interrompamos, acrescentou ainda que, sempre nos encorajou em entrarmos no Islamismo. Por exemplo eu sou da IESA (Igreja Evangélica Sinodal de Angola), não quero ser muçulmano e tenho sempre mostrado esse comportamento, mas ele não ficou indignado comigo e sempre nos motivou em pautar num bom comportamento, cuidar bem da família, não ser ganancioso e nunca mentir. Um dia estava lendo a Bíblia na loja, preparando uma meditação para os jovens numa caminhada que estava sendo preparada na nossa Igreja e quando ele entrou e viu a Bíblia nas minhas mãos, parabenizou-me e pediu-me que dissesse o que estava lendo e eu estava lendo o livro de I Samuel capítulo 17 versículo 45, onde David responde ao gigante filisteu Goliás que tu vens a mim com espada e com lança e com escudo, porém eu vou a ti em nome do SENHOR dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado. Imediatamente o patrão respondeu que sabia bem sobre aquele episódio porque está bem explícito com todos os pormenores no Alcorão e disse-me para ensinar aos jovens nos quais irei falar, as vantagens de entregarmos nossa vida e tudo que temos nas mãos de Allá (Deus), assim como fez David filho de Jessé. Pelo menos nunca falou mal das Igrejas cristãs existentes em Angola, mas lamenta pelo comportamento

¹⁸ M. Cambandua, Pastor da Igreja Adventista do 7º Dia na Matala (Comunicação pessoal, 06 de Julho de 2021, às 14 horas).

de alguns profetas cristãos que curam doentes por meio de orações cobrando dinheiro avultado¹⁹.

Angola24Horas (2013), revelou que, o líder da Comunidade Islâmica em Angola, David Já, lamenta que o Executivo tenha rejeitado o processo de legalização do Islão e diz que o mundo está com os olhos virados para Angola. A batalha começou nos anos 90 do século XX e de lá para cá, nunca tivemos uma resposta satisfatória junto das autoridades angolanas para a legalização do Islão em Angola, reconheceu David Já, esclarecendo: "mesmo assim, têm-se realizado orações nas mesquitas, livremente". Segundo este responsável, caso se concretize a decisão do executivo, a situação será difícil para dezenas de membros do corpo diplomático acreditado em Angola e que professam o islamismo. Como é que fica para esses diplomatas que têm boas relações com Angola, mas não podem ir a uma mesquita, questionou. De acordo com o líder da comunidade, toda esta situação é um paradoxo, uma vez que a Constituição diz que a República de Angola é um Estado laico, havendo separação entre o Estado e as igrejas, nos termos da lei. Reza ainda a Carta Magna: "O Estado reconhece e respeita as diferentes confissões religiosas, as quais são livres na sua organização e no exercício das suas actividades, desde que as mesmas se conformem com a Constituição e às leis da República de Angol". A Constituição aprovada em 2010 refere que o Estado protege as igrejas e as confissões religiosas, bem como os seus lugares e objectos de culto, desde que não atentem contra a Constituição e a ordem pública e se conformem com a Constituição e a lei. David Já disse que a expansão do islamismo no país não constitui qualquer ameaça, contrariando assim as inquietações que têm sido manifestadas por alguns sectores da sociedade. "Em nenhuma parte do Alcorão se ensina a praticar o massacre e o vandalismo", argumentou. David Já afastou os receios de que o Islão pode trazer novos hábitos culturais para Angola, sublinhando tratar-se de "um país multicultural". Nós confessamos uma religião com a sua própria ideologia, com a sua própria consciência e os crentes que

¹⁹ P. Cassoma, trabalhador de uma loja de diversos de um Mauritiano na Matala (Comunicação pessoal, 27 de Julho de 2021, às 16 horas).

professam esta religião fazem-no na sua liberdade e no uso da sua consciência religiosa. “Não há imposição de novos hábitos culturais”, frisou.

**CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS
RESULTADOS DO IMQUERITO APLICADO AOS ESTUDANTES DO IIIº ANO
DO CURSO DE HISTÓRIA DO ISCED - Huíla.**

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO IMQUERITO APLICADO AOS ESTUDANTES DO IIIº ANO DO CURSO DE HISTÓRIA DO ISCED - Huíla.

3. 1. Preliminares da investigação.

Depois de uma descrição nos capítulos anteriores acerca das Generalidades sobre “O Impacto do comércio do mundo Árabe em Angola: caso da Matala”, neste capítulo vamos apresentar, analisar e discutir os dados recolhidos junto dos estudantes do II Ano do curso de História do ISCED - Huíla, que teve propósito maior, avaliar o nível de conhecimento dos estudantes inquiridos e posteriormente, apresentar a proposta de inclusão do tema no Programa de História da Idade Média da Instituição acima referida.

3. 2. Instrumentos.

Para este estudo, foram aplicados inquéritos por questionário aos estudantes do II Ano do ISCED - Huíla do curso de História referentes ao ano académico de 2021/2022.

3. 3. População e amostra.

A população selecionada para este trabalho, é composta por estudantes do II Ano do Curso de História do ISCED - Huíla, dos regimes diurno e Pós - Laboral, referente ao ano académico de 2021/2022. Para o referido trabalho de pesquisa, contamos com 25 estudantes como amostra.

Segundo Wiebusch (*et all*, 2014), população é o conjunto de todos os elementos ou universo estatístico. É considerada população ao conjunto inteiro dos quais se pretende obter informações. Por outro lado, população é o conjunto de indivíduos ou objectos que apresentam em comum determinadas características definidas para o estudo. Ainda Wiebusch afirma que, quando se examina um subconjunto da população com características não idênticas, bastante assemelhadas ao universo, ele é denominado de amostra. Outro sim, amostra é uma parte da população para obter informação acerca do todo (Edite, 1999).

3. 3. 1. Caracterização da Amostra

Tabela 1: Amostra por idade

Total da amostra	25
------------------	----

Nº		
1	Média	28
2	Mediana	25
3	Moda	25
4	Mínima	19
5	Máxima	48

Com a ajuda do programa Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS), achamos os dados expostos como podemos observar, na tabela acima referenciada, apresenta a Média aritmética que é de 28, a Mediana de 25, a Moda de 25, a idade Mínima é de 19 e a Máxima de 48 anos de idade.

Tabela 2: Amostra por sexo.

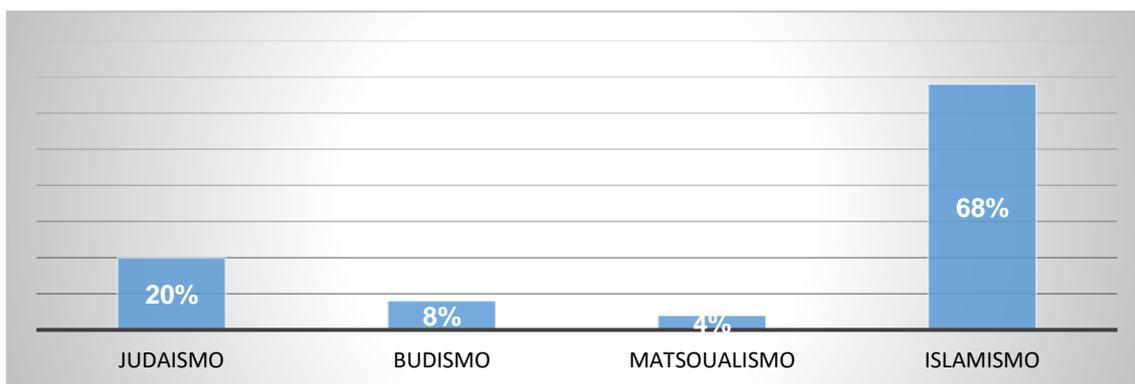
Nº	Sexo	Frequência	%
1	Masculino	16	64
2	Feminino	9	36
3	Total	25	100

Nesta tabela, podemos verificar que 64% dos estudantes são do sexo masculino e 36% perfazem os femininos.

3. 3. 2. Apresentação, análise e discussão dos resultados.

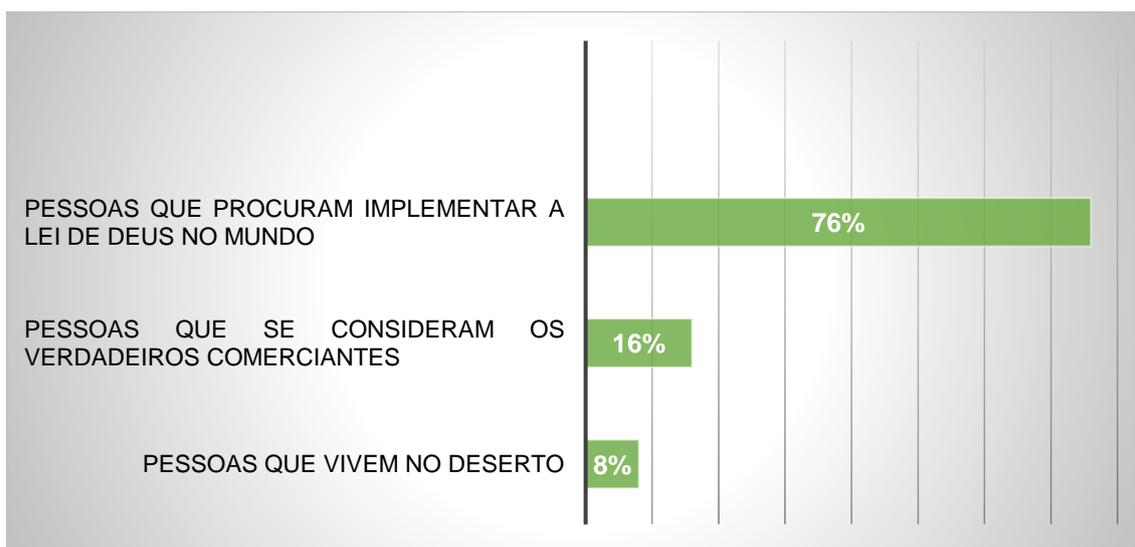
Neste presente trabalho, foram aplicados inquéritos à estudantes do 3º Ano do ISCED - HUÍLA, do ano académico 2021/ 2022 com objectivos de diagnosticar o seu grau de conhecimentos sobre o assunto e observar a importância do tema. Eis as questões:

Gráfico 1: Marque com X o nome da Religião que pertencem os Árabes?



O gráfico aqui apresentado, mostra que, 68% dos estudantes, optaram pela resposta de que, os Árabes pertencem a religião Islâmica, 4% de estudantes responderam ao Matsoualismo, 20% deles optaram em Judaísmo e 8% de outro escolheram em Budismo.

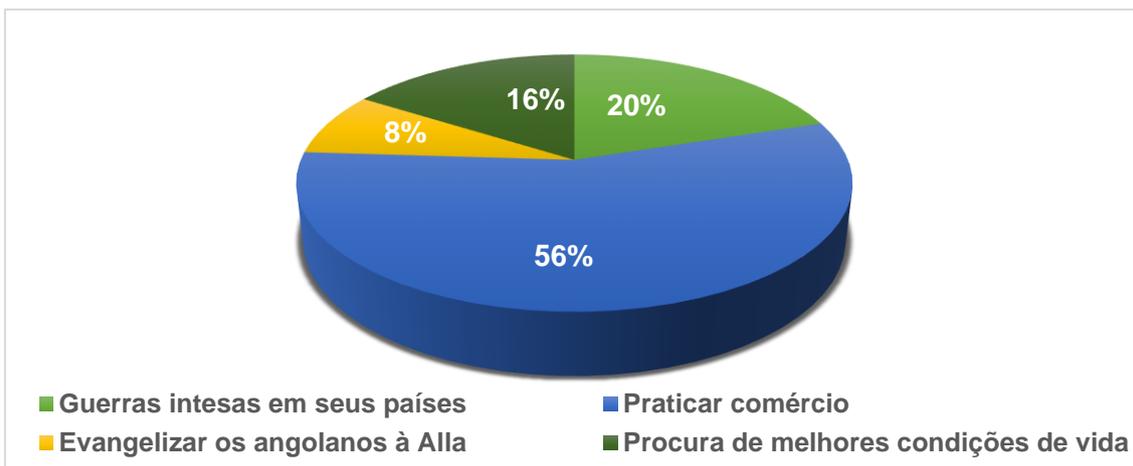
Gráfico 2: Coloque um círculo na definição que achares correta sobre Árabes.



Quanto à definição correta de Árabes, 76% dos estudantes definiram como sendo Pessoas que procuram implementar a Lei de Deus; 8% responderam que são pessoas que vivem no deserto e 16% dos estudantes disseram que os Árabes são Pessoas que se consideram verdadeiros comerciantes.

Gráfico 3: Coloque um X na opção que achar correta da pergunta a seguir:

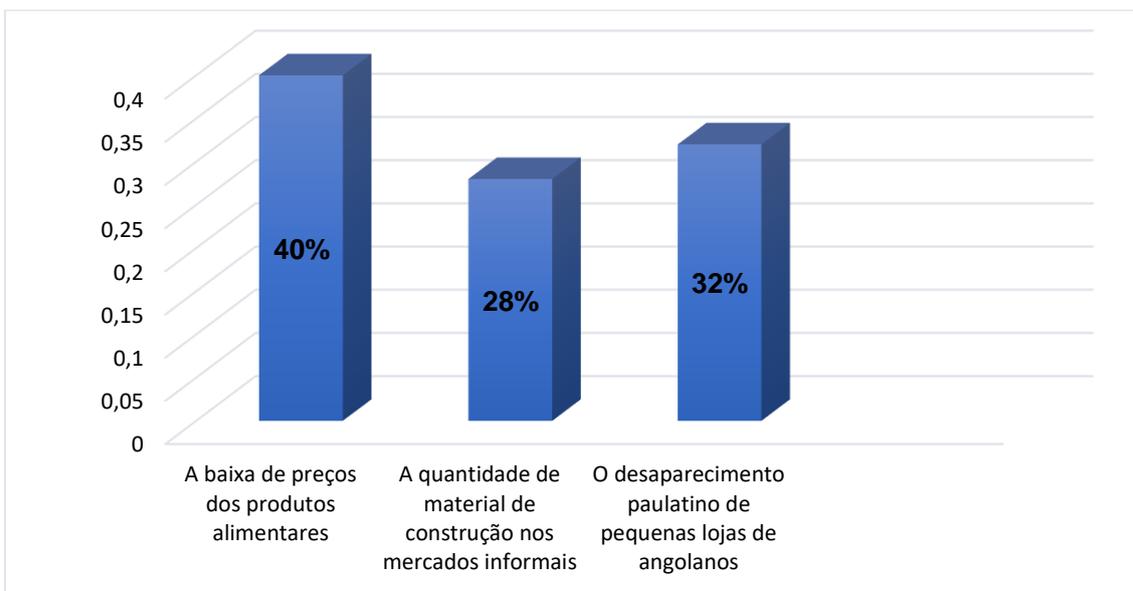
3.1. Quais foram as razões que levaram os Árabes a imigrarem para Angola, em particular no Município da Matala?



Sobre as razões que levaram os Árabes a imigrarem para Angola, em particular no Município da Matala, 56 dos estudantes optaram em praticar comércio, 8% dos estudantes responderam que vieram evangelizar os angolanos à Alla, 16% dos estudantes responderam que estão procurando melhores condições de vida e 20%, responderam que, a imigração deve-se às guerras constantes em seus países.

Gráfico 4: Sublinhe a alínea que achar correta da seguinte questão.

4. 1. A prática comercial dos Árabes no Município da Matala facilita:

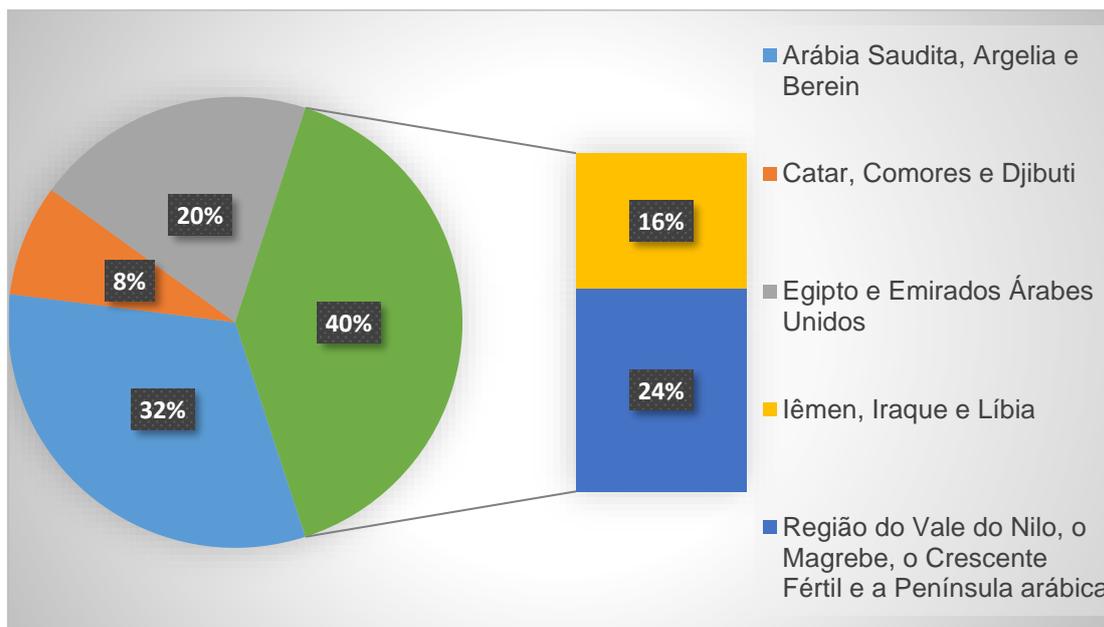


Neste gráfico, reportamos que, 40% dos estudantes, optaram na resposta de que, o comércio Árabe em Angola e na Matala, facilita a baixa de preços dos

produtos alimentares, 32% dos estudantes responderam que a prática comercial Árabe na Matala, facilita o desaparecimento paulatino de pequenas lojas de angolanos e 28% deles, responderam que tal prática comercial, facilita a quantidade de material de construção nis mercados informais.

Gráfico 5: Coloque um círculo na alínea da opção que achar correta.

5.1. Quais são os países que fazem parte do mundo Árabe?



O gráfico apresentado, espelha 32% dos estudantes responderam que os países do Mundo Árabe são a Arábia Saudita, a Argélia e o Berein, 20% responderam que são o Egipto e os Emirados Árabes Unidos, 16% responderam que são o Iêmen, o Iraque e a Líbia, 24% responderam que são as regiões de Vale do Nilo, o Magrebe, o Crescente Fértil e a Península arábica e apenas 8% optaram em responder que os países Árabes são o Catar, Comores e o Djibuti.

Gráfico 6: Coloque X na opção que achar correta da seguinte pergunta:

6.1. Quais são as consequências de termos em Angola comerciantes do mundo Árabe?



Quanto a pergunta acima exposta, 44% dos estudantes responderam que as consequências de existirem comerciantes do mundo Árabe em Angola, será a existência de suicidas e terroristas escondidos, 24% responderam como consequências será a facilidade de aquisição de produtos a baixos preços, 20% responderam que haverá financiamento do terrorismo e estarmos na lista negra dos Estados Unidos da América e 12% dos estudos responderam que tais consequências será o desentendimento entre cristãos e muçulmanos.

Tabela 3: Coloca um círculo na alínea que achar correta.

3.1. Onde adquiriu o teu conhecimento sobre o tema em estudo?

III Ano					
Nº	Opção	Masculino	%	Feminino	%
1	Na faculdade	2	12,5	2	22,22
2	Através da comunicação social	4	25	1	11,11
3	Nos níveis anteriores	5	31,25	4	44,44
4	Em conversa com os amigos	3	18,75	1	11,11
5	Nulo	2	12,5	1	11,11
6	Total	16	100	9	100

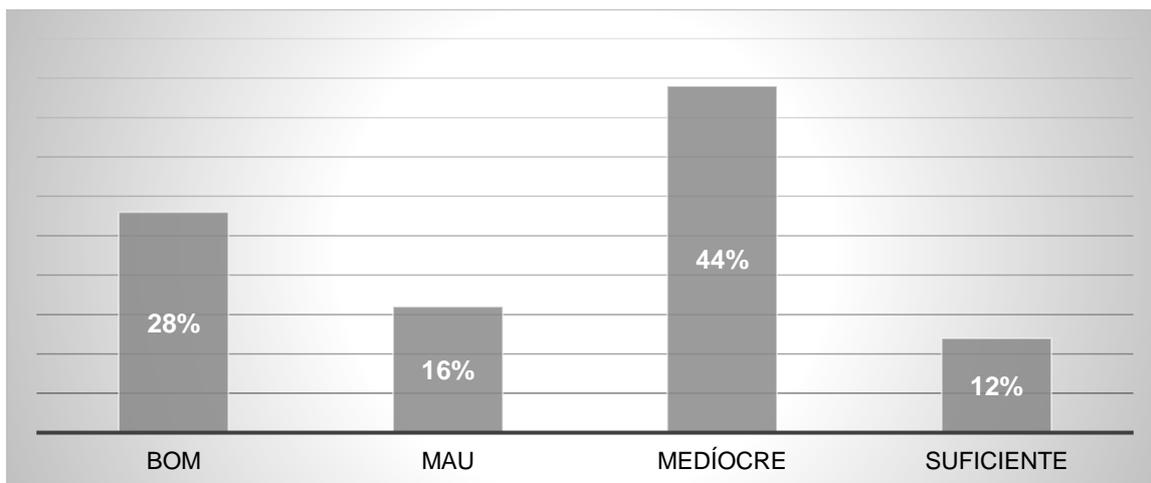
No que diz respeito aos conhecimentos que os estudantes possuem sobre o tema e onde, 44,44% dos estudantes do sexo feminino, responderam que adquiriram nos níveis anteriores e 18,75% dos estudantes do sexo masculino, responderam que adquiriram tais conhecimentos em conversa com os amigos e outros estudantes responderam que aprenderam na Faculdade e através da comunicação social.

Tabela 4: Em que medidas às razões abaixo mencionadas contribuem para o fraco conhecimento do tema em causa?

III Ano					
Nº	Opção	Masculino	%	Feminino	%
1	Pouco interesse dos estudantes	4	25	3	33,33
2	Insuficiência de Bibliografia recente e falta de abordagem sobre o tema	7	43,75	1	11,11
3	Falta de preparação de alguns professores	2	12,54	5	55,55
4	Nulo	3	18,75	0	0
5	Total	16	100	9	100

No que diz respeito às razões que contribuem para o fraco conhecimento do tema em causa, 5 estudantes do sexo feminino correspondentes à 55,55%, responderam ser devido a falta de preparação de alguns professores, 7 estudantes do sexo masculino perfazendo 43,75%, responderam sendo a insuficiência de Bibliografia recente e falta de abordagem sobre o tema e outros estudantes responderam ser o pouco interesse dos estudantes.

Tabela 5: Como avalia o seu grau de conhecimento sobre o tema em causa?



No tocante à avaliação do grau de conhecimentos sobre o tema em causa, 44% dos estudantes, responderam medíocre, 28% responderam bom, 12% suficiente e 16% mau.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusões

Da análise feita, concluímos:

O sucesso comercial das comunidades arábo-muçulmanas está intimamente ligado a doutrina constante no Alcorão;

A presença das comunidades muçulmanas em Angola conheceu três fases diferentes, embora a razão comercial seja predominante houve também razões religiosas e políticas, particularmente aquando da presença do Maliano Maitre Alloune Blondin Beye, um muçulmano assumido, representante do Secretário da ONU em Angola, na mediação da paz entre o governo angolano e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) no Protocolo de Lusaka em 1994.

A experiência na catividade comercial, particularmente no comercio a retalho ajudou não só a dar emprego a alguns angolanos como também ajudou a suprir necessidades quotidianas em bens de primeira necessidade nas comunidades aonde estavam instalados e até certo ponto fizeram surgir alguns negociantes angolanos que adquiriam produtos a grosso destes e os revendiam a retalho;

O nível de conhecimento dos estudantes do IIº Ano do curso de História do ISCED - Huíla do ano académico 2021/ 2022 sobre o tema "O Impacto do comércio do mundo Árabe em Angola e em particular na Matala" é razoável.

Durante a investigação do tema, percebemos que os motivos que concorrem para o fraco conhecimento do tema em estudo são vários e vão desde a falta de preparação de alguns Professores, Insuficiência de Bibliografia recente e falta de abordagem regular sobre o tema.

Sugestões

Se a educação vem assumindo uma posição central nas sociedades, é necessário que este serviço significativo às novas gerações, deve ser feito numa formação sólida.

Nesse novo modelo de sociedade, pesquisa, formação e o saber, tornar-se-ão os fundamentos da sociedade pós-industrial.

Com base nas conclusões, apresentamos as seguintes sugestões:

- Junto com os Professores do Curso de Historia do ISCED – Huila, vamos promover debates, mesas redondas, sobre "O Impacto do comércio do mundo Árabe em Angola: caso da Matala”.

- Vamos estimular a realização de leitura e trabalhos de pesquisa aos estudantes do II ano do ISCED - Huíla do Curso de História de modo a garantir uma participação mais activa na compreensão do “ Impacto do comércio do mundo Árabe em Angola: caso da Matala”.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Anjos, Issac M. F. (2011), *Caracterização Económica, Social e Política Da Província*, Lubango, Governo Provincial da Huíla.

Armstrong, Karen. (2002). *Maomé: uma biografia do profeta*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bissio B. (2012). *O mundo falava árabe: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Biwebusch F. C. S.; Samuel M. C. & Lucildo A. (2014). *Teoria e Prática para curso de graduação*. Univates editora.

Camila T. S. (2015). *A África islamizada e o conhecimento sobre o outro através dos relatos de ibn battuta (séc. 1352-1353)*. (Dissertação à obtenção do grau de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais, NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Paraná; Paraná, Brasil).

CDPA – Matala (Centro para o Desenvolvimento e Parcerias de Angola, 2009).

Challita Mansour. (2015). *O Alcorão: Livro Sagrado do Islã*. 8ª ed, Rio de Janeiro: Edições BestBolso.

Custódio A. F. (2015). *Um olhar à presença dos muçulmanos em Angola*. PAULUS Editora.

Edite M. G. P. F. (1999). *Estatística Aplicada*. Minho editora.

Edson Xavier e Ubirajara F. Prestes Filho. (2015). *História 7 ano, Livro do Professor*. 2ª Ed. Casa Publicadora Brasileira.

El Fasi, Mohammed. (2010). *História Geral da África, III. África do século VII ao XI*. Brasília: UNESCO.

- Faleiro, M. A de C. (2014). *Islamismo em Angola. Uma análise Apologética Cristã de um estudo Histórico e Sociológico*. Chela Editora.
- Giddens, Anthony. (2001). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian editora.
- Ioan Lewis. (1986). *O islamismo ao sul do Saara. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa/Universidade Católica Portuguesa*.
- Isbelle, S. A. (2007). *O Estado Islâmico e sua Organização*. Azaan editora.
- Jéssica P. C. (2016). *O Islão, os muçulmanos e seus conceitos: Vocabulário de conceitos para o estudo da História do Islã e dos muçulmanos*. Companhia das letras editora.
- Júnior, F. R. (sd). *O perfil comercial e a religião islâmica a serem considerados por negociadores brasileiros nos países árabes*.
- Ki-Zerbo, Joseph. (1979). *História da África Negra I*. Publicação Europa-América.
- Lewis, David Levering. (2010). *O Islã e a formação da Europa, de 570 a 1215*. Amariyls editora.
- Lovejoy Paul E. (2002). *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Editora Civilização Brasileira
- M´Bokolo, Elikia. (2009). *África negra: história e civilizações*. Tomo I (até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas.
- Manuel Augusto R. (sd). *O mundo Árabe e islâmico*. CEGRAF editora
- Marconi M. A e Lakatos E. M. (1996). *Técnicas de pesquisa. Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3ª ed; Atlas editora.
- PDI-Matala (Programa de Desenvolvimento Integrado, 2008).

Rodrigues M. A. (sd.). *O mundo Árabe e islâmico*. Instituto de Defesa Nacional, *Nos caminhos da Nação*. CEGRAF editora.

Sheik A. M. (1987). *Mohammad, o mensageiro de Deus*. Editora: Africa Muslims Agency.

Silva, A. da C. (1992). *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses*. Nova Fronteira editora.

Thiago H. M. (2012). *História da África: Curso de Licenciatura em História*. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa editora.

Outra Fontes:

Revistas e Monógrafos

Esteves C. (2021, 13 Setembro). *Angola e Emirados Árabes Unidos pretendem alargar a cooperação*. *Jornal de Angola*. Política, pp. 13-14. Disponível: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/angola-e-emirados-arabes-unidos-pretendem-alargar-a-cooperacao/>

Fernandes C. (sd). *Caravanas de camelos na África da Idade Média*"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/caravanas-camelos-na-africa-idade-media.htm>.

Heloisa M. P. S. (2018). *Uma religião de estrangeiros e alheia à cultura nacional: discursos e ações contra o Islam em Angola*. (Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de Dezembro de 2018, Brasília/DF). Disponível: <http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539555899ARQUIVOUmareligiaodeestrangeirosealheiaaculturanaacionalARTIGOCOMPLETO.pdf>. Acesso: 10.Mar.2021.

Hugo H. A. (2011 out./dez.). *Islamismo e Estado*. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, nº38, 120-152. Lannes S. B. (2013). *A formação do império Árabe-Islâmico: história e interpretações*. (Tese de Doutorado)

em Economia Política Internacional; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, Brasil).

Ingrid R. (2015). *A guerra civil na Síria: Desdobramentos para as relações internacionais*. (Monografia de Bacharel de graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Sul de Santa Catarina; Santa Catarina, Brasil).

Nizete M. B., & Dante S. G. (2018, Dez). *Transformações Geopolíticas Recentes no Mundo Islâmico: A Primavera Árabe*. Revista Geográfica de América Central ISSN, Nacional Costa Rica, 2215-2563. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451755941004>. Acesso: 13.Fev.2021.

Sites de internet

Angola24Horas. (2013, 03 Dezembro). *O líder da Comunidade Islâmica diz que o mundo está de olhos postos em Angola*. Sociedade. Disponível: <https://www.angola24horas.com/sociedade/item/580-o-lider-da-comunidade-islamica-diz-que-o-mundo-esta-de-olhos-postos-em-angola>

ANGOP. (2020, Setembro 15). *Angola quer cooperação agro-industrial com Emirados Árabes*. Disponível: https://www.angop.ao/noticias-o/?v_link=https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/economia/2020/8/38/Angola-quer-cooperacao-agro-industrial-com-Emirados-Arabes,f4fa9e2a-0ce5-44c7-ab22-92950b548305.html. Acesso, 30.Dez.2020.

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/738/r152-21.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso: 13.Fev.2021.

Nelson F. (2018, 20 Abril). *Angola tem nova lei de investimento*. Estrangeiro. DW. Notícias Angola. Disponível: <https://www.dw.com/pt-002/angola-tem-nova-lei-de-investimento-estrangeiro/a-43466904>

Osvaldo C. (2016). *A revolução árabe e o islão: Entre Pan-arabismo, Pan-islamismo e Socialismo*.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2371386/mod_resource/content/1/A%20revolu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A1rabe.pdf. Acesso: 9.Mar.2021.

Ricardo C. (2009, Jan 01). *A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI)*.
<https://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-VII-XVI>. Acesso: 13.Fev.2021.

Vilola S. (2020, 18 Junho). *Emirados Árabes Unidos promete linha de crédito. Jornal de Angola*. Economia, pp. 15-16. Luanda. Disponível:
<https://www.portaldeangola.com/2020/06/18/angola-ja-monta-tractores-na-zona-economica-especial-luanda-bengo/#>

VOA. (2009, Agosto 10). *Apoiante do Hezbollah, que operou em Angola, condenado nos EUA*. <https://www.voaportugues.com/a/apoiante-do-hezbollah-que-operou-em-angola-condenado-nos-eua/5036986.html>. Acesso: 24.Dez.2020.